



Entrevista com a professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Realizada em 7 de agosto de 2015

Pesquisa e roteiro: Alice Melo

Entrevistadores: Ana Paula Goulart e Cláudio Ornellas

Transcrição: Helio Cantimiro

Edição: Cláudio Ornellas

Diga, por favor, seu nome completo, o local e sua data de nascimento.

Meu nome é Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Eu sou italiana, sou originária da Itália, uma pequena cidade chamada Laurito, província de Salerno, no sul da Itália. Eu sou de uma família de imigrantes, eu sou imigrante. A minha infância foi lá. Cheguei com sete anos, no pós-guerra. Meu pai já estava aqui. Ele se estabeleceu e mandou chamar a família, que era como se fazia. Eu sou a caçula de uma família de três irmãos. Infelizmente, somos eu e minha irmã hoje. Meus pais também são falecidos. Nós ficamos, que dizer, nos adaptamos no Brasil. Eu já era alfabetizada, mas aí eu voltei, então, a ter a formação desde o primeiro ano do primário, como se dizia. Isso foi em um bairro, como não podia deixar de ser – isso tudo é bem na curva normal –, que é Bela Vista, a gente chama Bela Vista – hoje é chamado mais Bixiga –, onde ficava realmente reunida a comunidade italiana. Todas aquelas questões relativas a essa comunidade, você tem ajuda, você tem o pertencimento, o acolhimento, os apoios. Quando entra a televisão, alguns tinham televisão, outros não. Todos corriam para assistir à televisão. O que era o rádio, a saudade da terra. Eu não tenho sotaque, acho que porque



fui alfabetizada novamente, na língua portuguesa.

Como se chamavam os seus pais?

Meu pai, Francesco Vassallo; minha mãe, Caterina Panullo Vassallo. Meu pai foi à guerra, serviu o Exército, vamos dizer assim, na Líbia, que é onde a Itália tinha coisas. Quando ele voltou, não havia condições econômicas mínimas, a Itália estava arrasada. Então era para engrossar aquela corrente da emigração. Mas o meu pai tinha terras, trabalhava essas terras. Quer dizer, era um pequeno proprietário de terra. Que, aliás, foi perdida: tantas dívidas que o que restava era vender. Inclusive, endividar-se e emigrar endividado, para que, de outro país, se tentasse saldar aquelas dívidas. Minha mãe, interessante isso, já não era de trabalho na terra. Ela era já urbana, de uma família em que os irmãos, o pai dela, o meu avô, tinham ofícios. Mas que ofícios? Ofício de alfaiate, de sapateiro. Era uma família muito grande. Na minha infância, da família do meu pai, já não restava ninguém, porque meus avós paternos já tinham falecido e duas irmãs do meu pai já tinham emigrado. Eu fui, nesse tempo, criada pela minha mãe – pela ausência do meu pai – e pela família da minha mãe. Como a gente estava falando das competências, vamos dizer assim, artesanais, a minha mãe fazia muito bem tricô e crochê. Tinha uma irmã, que era uma bordadeira de primeira linha. É interessante que elas eram alfabetizadas, meu pai também. Meu pai sabia ler e escrever, mas minha muito mais já. Era uma coisa avançada. Eu digo essas coisas porque aqui no Brasil, tentando fazer analogias, é bastante parecido com as pessoas que vêm do interior para São Paulo. Se bem que é o mesmo país. Nós emigramos para um outro país. Para mim, era como se fosse uma aventura muito positiva: “Vou para outro país, um lugar diferente”. Para o meu irmão, mais ou menos, porque ele já estava no secundário. Terminou o colegial, não ingressou na faculdade, não quis continuar trabalhando. O grande problema foi com minha irmã, porque ela já era professora primária formada, e isso na Itália, nessa época dos anos 1950, era muito importante. Ela, ao se transferir para outro país, perdeu tudo. Ela não podia, aqui, exercer. Não pôde ser professora, inclusive pela língua, e ela sofreu muito, muito mesmo. Houve um momento em que parecia que a família ia ficar muito abalada, porque, possivelmente, a minha irmã retornaria, voltaria. Sabe, nós somos de família italiana bastante próxima, com laços muito fortes, principalmente do lado materno. Tinha gente já da família aqui, nessa comunidade. Isso tudo, na Rua Major Diogo. Isso é também uma coisa interessante das minhas primeiras lembranças. Essa era a rua do Teatro Brasileiro de Comédia, do TBC, e era, portanto, onde havia aquelas peças. A gente via os atores e atrizes, que já apareciam na televisão, era alguma coisa muito importante. Havia também nessa mesma rua – não sei por quê, acho que porque era bonita – gravações de filmes. Várias vezes, cenas dos filmes de Mazzaropi tinham sido feitas ali. Portanto, era uma rua onde circulavam atores e atrizes, uma vida noturna, inclusive, bem interessante. Naquele momento, eu não tinha essa consciência, mas depois, porque me voltei para a comunicação, essa questão do teatro em São Paulo, do cinema em São Paulo, da televisão em São Paulo, isso tudo passou a ter importância. Eu me lembro



com outra memória, vamos dizer assim, uma memória recente que me resgata essa existência com não apenas, vamos dizer assim, saudade, mas de uma maneira muito positiva.

Você veio com quantos anos?

Sete anos. Aqui, meu pai passou a trabalhar em construção, já que lá ele trabalhava na terra. Depois, ele logo se aposentou, passou a ajudar meu irmão, que abriu um negócio no setor de papelaria, uma pequena empresa. Média empresa. Chegou a ser um empresário. Enquanto isso, eu só estudava: primário, secundário. Minha irmã passou a fazer uma carreira em um banco, chegou a ser gerente. Quer dizer, o Brasil serviu para uma certa ascensão socioeconômica. Meu pai, minha mãe, meu irmão compraram apartamento, o primeiro carro, um fusquinha. Tinha esse costume de levar a uma igreja, que o padre benzia. Então, tinha um status, alguma coisa que realmente modificava demais a vida da pessoa, mais talvez até do que ter uma casa própria, era ter carro. Eu fiz o primário em escola pública. O secundário, como eu precisava trabalhar, aí já fui fazer um curso técnico – curso técnico que correspondia ao colegial – de secretariado. Porque eu me formei secretária, do que eu lembro muito bem, hoje eu digito com todos os dedos, por causa da datilografia. Mas comecei a me desempenhar



muito bem nos estudos. Apesar de ser escola particular, eu ganhava bolsa todos os anos – essa questão de me dedicar para não dar despesa para a família. Eu fiz o secundário, os sete anos, com bolsa da própria escola. Essa escola, Colégio Comercial Frederico Ozanam, ficava no começo da Rua Augusta. Era uma rede, tinha coisas na Mooca e também em Santa Cecília. Depois, entrando na faculdade, eu me tornei professora dessa escola. Eu dava aula ali de manhã, à noite, para curso técnico. Depois eu entrei na Maria Antônia, ainda era Maria Antônia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Eu fiz os quatro anos, me formei, e dava aula nessa escola. Depois fiz concurso para escola pública e, ao começar a dar aula em escola pública, também comecei a dar aula em faculdade particular.

Qual foi o seu curso?

Eu fiz Ciências Sociais.

O interesse pelas ciências sociais surgiu como?

Surgiu a partir de um professor, eu lembro até hoje, chamado Celso, que dava aula de sociologia para mim no curso de secretariado. Eu me dava bem em tudo, em matemática, em humanas. Ficava aquela coisa: “Exatas, humanas, o que eu vou fazer?”. Claro que aí havia sempre uma, não digo pressão, porque para a família

era muito importante que eu estudasse, como a minha irmã, fosse para a frente, e essa coisa do estudo como realmente um capital, como realmente alguma coisa acumulada, um bem valiosíssimo. Mas aquela ideia de fazer um curso superior que logo me permitisse trabalhar, tipo administração, trabalhar em banco, porque a minha irmã já era disso. Portanto, algum tipo de curso dessa maneira. Mas eu nunca tinha pensado em dar aula. Mas esse professor realmente dizia que a minha vocação era para humanas e que ficava entre psicologia e sociologia. Eu tinha também aula de psicologia. Ele me influenciou muito nessa questão de estudar a sociedade etc. E nesse meio tempo, quando eu terminei o secundário, para entrar na faculdade era como hoje, tinha que fazer cursinho, em função das poucas vagas. Então eu fiz um ano de curso preparatório para o vestibular, e muita gente tentava se definir ainda no cursinho, onde eu ia muito bem na disciplina de história, gostava muito, adorava. Mas o tipo de história, de história social, de história econômica. Começar a conhecer esses autores, como Celso Furtado, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck. E era a época da Gloriosa, quer dizer, aí também a questão do movimento estudantil. A inclinação, como é que eu vou dizer, a questão política e ideológica dos posicionamentos surge de uma maneira muito natural. Se bem que eu sei que ter entrado na USP, na Maria Antônia, favorecia esse ambiente de crítica, de estar à esquerda, de

“A questão política e ideológica dos posicionamentos surge de uma maneira muito natural. Se bem que eu sei que ter entrado na USP, na Maria Antônia, favorecia esse ambiente de crítica, de estar à esquerda, de leituras nesse sentido. Foi uma maravilha”



leituras nesse sentido. Foi uma maravilha. Eu acho que foi um privilégio, porque, logo depois disso, terminou. Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso. Depois veio 1969 e a aposentadoria compulsória. Todos eles foram afastados. O Fernando Henrique foi para o Chile, o Octavio não muito longe, mas saíram da USP todos eles. Abriram o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), que foi aquela revolução em termos de grandes intelectuais fazendo uma espécie de um instituto de pesquisa, de grandes projetos, da Fundação Ford. Isso foi um marco fantástico para São Paulo, e acho que também para o Brasil. Então, a minha formação, eu segui, acabei prestando vestibular para ciências sociais. Encontrei com professores no curso vestibular com quem realmente me identifiquei muito. Essa coisa dos professores, eu acho que ainda é assim, os professores têm influência, afinidades. Não essa coisa de doutrinar. Eu não acredito nisso, porque não dá certo por aí. Tem que ser uma afinidade, como a gente diz, uma afinidade intelectual, afinidade ideológica. Durante o curso, sem dúvida alguma, era o



auge... Sessenta e oito, tudo que houve, o golpe dentro do golpe. Eu não cheguei a ser presa como vários dos meus colegas. Eu fui chamada várias vezes, em termos das atuações, porque a gente era mesmo vigiado. Lembro de todo esse ambiente, mas o que eu mais lembro é o que eu aprendei, o que eu li, o que eu fui ensinada. E abracei esse curso, que me marcou para sempre. A questão não foi “passei pelo curso”, porque eu abracei o curso. Quando, então, me formei, eu queria ser um desses professores – em outros lugares, mas, vamos dizer assim, com essa bagagem, atuando dessa maneira: um professor crítico. Mas é interessante que não tinha pensado em me tornar, em primeira instância, professora. No curso de Ciências Sociais, o que fazia um sociólogo? Você podia optar pela especialização – mas uma especialização era um ramo – pela área da antropologia, pela área da política e pela área da sociologia. Eu fui para a área da sociologia, exatamente onde estava – se chamava cátedra – o Florestan, onde havia um projeto de estudo do Brasil. Era uma sociologia brasileira, voltada para o Brasil. Fazia pesquisa empírica e pesquisa teórica. Pesquisa empírica porque, aqui, para onde se ia? Estudar o ABC, a formação da classe operária, portanto do operariado no Brasil, aqui em São Paulo. A questão da educação: estudos de caso de escolas de periferia. Com o Ianni e o Florestan era essa questão de entender o Brasil e atuar com uma nova perspectiva. Ou seja, a



socióloga que eu queria ser era para estudar, para trabalhar com planejamento, era para trabalhar na Sudene – que era a Sudene do Celso Furtado. Mas era onde eu queria. E secretarias de planejamento, que existem a nível municipal, estadual e federal. Mas, sem dúvida alguma, a grande referência era o trabalho que estava sendo feito na Sudene. E, na América Latina, tinha a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), que foi, aliás, para onde foram o Fernando Henrique e também o José Serra. Quer dizer, era alguma coisa que tinha que ver com nacionalismo, com dependência e, portanto, a teoria da dependência e do nacional também, em termos culturais. Houve toda uma frente do nacional popular aqui. Como no Rio, que tem o Centro Popular de Cultura (CPC). Quer dizer, todos os autores que trabalharam com o nacional popular e que depois foram para a televisão. Quem fez, por exemplo, “A Grande Família”, o Vianinha... O próprio Dias Gomes, Lauro César Muniz, quer dizer, todos esses, eles eram os chamados comunistas, intelectuais comunistas. Teatrólogos, atores – principalmente de teatro, mas também de cinema. O teatro era o grande motor da época, a convergência das coisas. Eu ia mais para a sociologia dura, que era essa do planejamento. Eu descobri a sociologia da cultura – e mais a sociologia da comunicação – bem no final do curso. E aí outro professor, que era o Gabriel Cohn, entrando com a questão da sociologia... Porque ele era professor já da Comunicação. Mas que comunicação? Comunicação que tinha de ser criticada, comunicação massiva, que estava fazendo a cabeça de todo o povo brasileiro. Então, contra a televisão, contra a ideologia dos grandes meios de comunicação. Mas eu adorava. Aí comecei, inclusive, a dar aula disso. Porque, pelo menos dentro do curso de Sociologia, de estudos sociais, tinha toda uma parte que era relativa à comunicação de massa, onde a gente começava a falar da Rede Tupi, da Globo e dos jornais também. Foi uma coisa muito interessante, de interesse para a infraestrutura da sociedade. Então, o que aconteceu? Aconteceu que, com o golpe, muitos professores foram afastados, e o meu mestrado aqui nas ciências sociais foi por água abaixo. Não havia mais professores desses que eu poderia seguir. Ou seja, tinha aquela questão mesmo de não haver possibilidade de continuar. Mas eu queria continuar, queria fazer mestrado. E foi assim, com essa ideia, com essa vontade de continuar a estudar, necessidade de fazer mestrado, que eu descobri a ECA. Mas através do quê? Através de um folder da USP que tinham também a ECA. Nunca tive maior contato. E tinha mestrado. Eu escolhi o professor que parecia que tinha mais coisa a ver, a professora Nelly de Camargo, que dava aula na pós-graduação. Era comunicação e desenvolvimento, algo parecido com o que eu queria fazer na sociologia. Não a conhecia, é uma professora a quem eu devo muito, mas muito severa, no sentido de que, apesar de eu ter feito curso de graduação na USP, eu tive que fazer um exame muito duro para poder ser aceita, para ter orientação dela: prova escrita, entrevista. Era como se fosse um concurso, não era como a gente tem hoje para os alunos entrarem na pós-graduação. Era outra coisa. Eu entrei na ECA, não conhecia ninguém. Mas entrei como estudante. Eu dava aula em faculdade particular, que era a Farias Brito, em Guarulhos. Eu já tinha casado, morava no Brooklin e ia de ônibus – era uma maravilha –, até quando eu comecei a entender a questão da carona. Antes de entrar na



ECA, logo depois que eu me graduei, me casei, e meu marido de filosofia, também da USP, nós, com a cara e a coragem, fomos para Itu, onde tinha uma possibilidade de emprego em uma faculdade recém-aberta lá. Fomos com mala e cuia, fazendo a mudança para Itu, e com gato – não tinha cachorro.

Você já tinha concluído o mestrado?

Não, eu tinha concluído a graduação. Eu estava matriculada, mas não tinha ainda começado de vez. A gente só aguentou um semestre lá, porque nós fomos despedidos, porque mais de 50% da classe, que eram aquelas classes homéricas de primeiro ano, nós reprovamos. Além disso, a gente adotava uma bibliografia que não era politicamente correta. E foi difícil a gente se manter. Tanto que o Aloísio, meu marido, preferiu fazer o mestrado dele à base de bolsa. Ele começou a ter bolsa da Fapesp, e aí

“Eu gosto de pensar que a escolha do tema de pesquisa tem a ver com a subjetividade, com as escolhas pessoais, mas o ambiente, o meio em que a pessoa está vivendo é por demais interviniente, para não dizer até determinante, na escolha desse tema”

não precisava ir atrás de emprego tanto quanto eu. Mas eu, como já estava no mercado, tinha feito concurso em escola pública, dei aula vários anos na Zona Oeste, Presidente Altino, Osasco. E tentando encontrar aula em faculdade, porque era possível. Mas aqui em São Paulo era muito difícil. Por isso eu estava em Guarulhos. Aqui na ECA, foi muito interessante. A Nelly de Camargo viu que eu tinha muita experiência com docência, me convidou para ser auxiliar dela, mas isso em termos muito infor-

mais. Porque todos os professores dessa época, quer dizer, a maioria teve que ser professor voluntário por muito tempo, pensando que, algum dia, ia aparecer um concurso, e aí podia fazer o concurso e entrar. Foi assim que aconteceu. Mas eu gostava muito de dar aula, e eu comecei a dar aula para alunos do chamado “básico”. Eu dava aula de Teoria da Comunicação, que se chamava “Fundamentos Científicos da Comunicação”, e dava aula de Teoria e de Metodologia, porque isso tinha que ver com o curso de Ciências Sociais que eu tinha feito, que tinha uma base teórica muito forte, e também de pesquisa. Então, em termos dessa carreira docente: secundário, particular e público, porque eu fiz concurso, depois entrando para ser docente em curso superior em faculdade particular, que era em Guarulhos, e como professora voluntária na USP. E assim fiz todo o mestrado, que, então, podia ter até oito anos. Não era nada como hoje, dois anos. Quer dizer, aquela coisa em que você entrava e não sabia, não havia esse sistema nacional de pós-graduação, ainda mais a USP, com a sua autonomia. E eu fiz o mestrado dessa maneira, dando aula.

Você fez o mestrado sobre a rádio dos pobres. Pode falar um pouquinho sobre a escolha do



tema?

Posso. Olha, a questão é que eu sou também professora de metodologia, então eu vou começar a falar também da escolha dos temas. A escolha de um tema nunca é individual, nunca é a pessoa dizer: “Eu quero fazer isso porque eu sempre gostei” etc. Não. Eu gosto de pensar que a escolha do tema de pesquisa tem a ver com a subjetividade, com as escolhas pessoais, mas o ambiente, o meio em que a pessoa está vivendo é por demais interveniente, para não dizer até determinante, na escolha desse tema, seja por motivos profissionais – portanto é o mercado que pede – ou então mesmo esse ambiente cultural, esse ambiente onde a universidade e o papel da pessoa estão. A escolha do tema é um problema social, e assim pode ser tratado. É uma questão social. E por que “O Rádio dos Pobres”? Entrei em uma rota, como professora de metodologia, de fazer uma leitura interna, desconstruir teses e dissertações. Os meus alunos fazem isso depois. Quando pensei nesse tema de mestrado, eu fui procurar ajuda na sociologia,

ajuda no sentido de opinar. Quem foi a minha conselheira nessa época não foi alguém da comunicação, foi alguém das ciências sociais, chamada Ruth Cardoso, ex-primeira-dama. Era professora de antropologia. E, como a gente podia fazer curso fora, eu fiz a disciplina dela. Foi ali, então, que a gente enganchou uma conversa que, na graduação, eu não tido com ela – ela era professora das ciências sociais. Essa coisa, “o que eu vou estudar?” etc., a minha questão era: eu queria fazer alguma coisa que tinha a ver com comunicação de massa, mas massa mesmo, no sentido de uma coisa que agradasse as massas, uma coisa que fosse popular. Eu queria fazer um estudo sobre o Silvio Santos, queria fazer um estudo de televisão com ele. Ela disse: “Imagina”. Isso na década de 1970. Mais ou menos 1975. Ela disse: “Não, você não pode de maneira nenhuma”. Ela foi supertaxativa. Por quê? Era uma época em que não dava para pensar em analisar televisão. Nós tínhamos mal e mal a televisão colorida. Você pode ver que todos os trabalhos sobre televisão dessa época são trabalhos sobre



roteiros, trabalhos em que você podia entrevistar gente que estava trabalhando, ou trabalhava com documentos. Não trabalhava com imagem. Que metodologia a gente tinha para trabalhar questões? A professora Ruth percebia a complexidade. Mais do que o problema metodológico, era que eu estava deixando de lado o meio mais popular do Brasil, que era o rádio. “Não, você tem que trabalhar, fazer um coisa sobre rádio”, veja que coisa interessante. “Como é que você vai pular o rádio?”, como dizendo assim: “Você tem que ir para onde o povo está”, que foi alguma coisa que me tocou muito. E foi isso, eu não tinha pensado em rádio. “Você quer trabalhar com o Silvio Santos? O Silvio Santos está no rádio.” Quer dizer, eu depois, vendo assim, acabei também fazendo uma parte do “O Rádio dos Pobres” com o programa dele. Mas foi realmente alguma coisa impressionante como eu gostei daquilo. Então gravava programas, levava isso já para a sala de aula. Tinha uma turma na Farias Brito que adorou. Eles me ajudaram, até agradeço, a entrevistar pessoas. E quem eram esses? Eram os tais marginais, *O Rádio dos Pobres: Estudo sobre Comunicação de Massa, Ideologia e Marginalidade Social*. Mas essa marginalidade social não era marginalidade no sentido de bandidos. Não, marginais à sociedade. Você pegava toda a periferia, você pegava todos aqueles que não tinham carteira assinada. Quer dizer, o meu problema era trabalhar com a chamada, em termos marxistas, superpopulação, aquela que sobrava e que só era incorporada em épocas de crise. Aí descobri, através do Ianni, toda uma literatura latino-americana, autores latino-americanos que, aliás, ele já tinha introduzido na graduação quando dava aula. Foi um dos primeiros professores que introduziram uma literatura latino-americana, de sociólogos latino-americanos. Porque a cabeça lá toda era com sociólogo francês, sociólogo inglês... Mas ele entrou com sociólogo mexicano, argentino, Aníbal Quijano e tal. Foi uma maravilha isso. Estou começando a falar das minhas influências. Rádio, então, já estava. Recepção era outra coisa, quer dizer, eu queria saber como, por que esses programas influenciavam tanto. Por que as pessoas não deixavam de ouvir? A metodologia era com os programas de um lado e quem assistia de outro. Eu organizei a metodologia em termos de mensagem e recepção. Com o tempo, eu me encantei demais de trabalhar com a mensagem. Eu descobri o Eliseo Verón e outros que me ajudaram com essa coisa da mensagem. E a questão da voz do rádio, que é uma maravilha a voz, não é a imagem, é a voz. Os programas eram esses, e todos acabaram sendo da Rádio Record, que tinha feito a opção pelos pobres. Fui trabalhar no campo com os ouvintes – aí que eu disse que a gente saía com os alunos da Farias Brito para fazer essas entrevistas. E realmente precisava de muitos anos para defender. Resolvi a coisa metodologicamente, teoricamente e empiricamente e, aí sim, a questão da recepção. Aí, depois eu encontrei Barbero. Jesús Martín-Barbero, interessante que ele não entrou muito nesse meu mestrado. Como marxista até ortodoxa, ou mais dura, quem mais me influenciou aí foi Althusser, a leitura de *O Capital*, infraestrutura e superestrutura. Mas ele já abria a coisa para a teoria da ideologia, que me ajudou muito a entender. Mas, através de Althusser, eu descobri Gramsci, que já estava em Martín-Barbero e que já estava na América Latina. Então foi alguma coisa que, já lá, eu organizava trabalhos para seguir no doutorado nesse sentido. Um parêntese: o



João Aloísio Lopes, meu marido, foi convidado para ser professor visitante na Universidade Nova de Lisboa quando eu estava terminando o mestrado. Fomos lá, eu também, com bolsa do CNPq. Seria uma espécie de sanduíche no mestrado, *mutatis mutandis*. Não tinha esse nome. Mas eu fui também para lá. Foi quando eu conheci lá o Adriano Duarte Rodrigues, era “o cara”, como o professor Marques aqui. Ele era “o cara” da comunicação em Portugal, na Nova de Lisboa, em que ele dirigia o curso de graduação. Imagina que, naquela época, ele estava organizando o primeiro mestrado lá. Eu tive contato com ele, discutimos muito. Como é da área de discurso, ele me ajudou muito nessa coisa enquanto o João Aloísio dava aula lá de filosofia na Nova. Houve aí um tempo em que a gente pensava em continuar lá. Eu tinha duas filhas pequenas, ainda no jardim de infância. Foi excelente o ano que nós passamos lá. Mas, como aqui estava havendo a abertura “gradual e segura”, achamos que a gente tinha que voltar, nós resolvemos voltar. Eu defendi, portanto, depois, aqui. Eu tinha que voltar para defender o mestrado, mas podia ter voltado para lá, inclusive com um convite do Adriano para começar a dar aula no mestrado. Era bem legal. Nessa época, as histórias dos autores começam a se entrelaçar. Meu amigo Carlos Eduardo Lins da Silva estava sendo esperado pelo Adriano. O Carlos Eduardo, um dos fundadores da Intercom, já tinha o doutorado dele, *Muito além do Jardim Botânico*. Mas ele estava em negociações, isso me sendo dito pelo Adriano, que estava aguardando um professor brasileiro para tocar as coisas, ao mesmo tempo que ele queria que eu continuasse. Bom, nem eu continuei, nem o Carlos Eduardo foi. Nessa coisa, a gente não participou, mas eu imaginava que ia ser muito interessante fazer esse trabalho lá. Mas, voltando, defendi o mestrado e entrei no doutorado. O que eu queria fazer no doutorado? Bom, enquanto isso, o João Aloísio também defendeu. Ele já era mestre, doutorando, mas lá com a sua filosofia política. Ele foi contemporâneo do ministro, quer dizer, nosso amigo Renato Janine, ele era da turma dele. Eles todos estudando lá e fazendo o doutorado. Isso, digo porque, terminando o doutorado, o João Aloísio veio fazer concurso aqui. Ele entrou. Eu também fiz concurso, para me efetivar. Era já mestre, mas estava fazendo o doutorado.

Quando você fez o concurso?

Entre em 1979, mas o concurso que nós fizemos foi em 1986, de efetivação. Ele não entrou como precário, como eu estava, aquela coisa que existe aqui, que a gente fala, concurso de efetivação. E alguns podem entrar já se efetivando, como foi o caso dele. Ele já era doutor, então concorreu, e se tornou professor de Filosofia da Comunicação. Isso foi em 1986.

Ele fez para a ECA também?

Sim, sim. Ele é doutor pela Filosofia e fez aqui concurso para ser professor da disciplina de Filosofia da Comunicação, e aí começou a dar aula. Eu já estava aqui havia muito tempo, mas também fiz esse concurso, para me efetivar. Eu já era professora de teoria na graduação, de Teoria da Comunicação, e de Metodologia. Aí eu assumi essas duas disciplinas. No meu doutorado, aconteceu uma coisa



muito interessante. Eu queria fazer um trabalho mais teórico a respeito de comunicação popular, e eu queria, de alguma maneira, trabalhar com como o popular era pesquisado na área de comunicação. Eu vou dizer para vocês que essa ideia também teve relação com os cursos de Metodologia, eu estava dando a disciplina – a questão da problemática, dos problemas metodológicos. Mas houve uma questão lá na minha graduação que envolve a figura do Octavio Ianni, que também me marcou, tanto quanto aquele professor Celso que disse que eu tinha tendência para a sociologia. Porque eles eram professores famosos. Você imagina, então, os alunos encantados. Exerciam muita influência. Ao mesmo tempo, um temor muito grande pelas avaliações, eles davam a nota: “Quanto você tirou?”, isso, aquilo. E o Octavio, como ele estava dando aula de Metodologia, métodos e técnicas de pesquisa, eu fiz um trabalho para ele, porque ele queria uma análise de um livro, *Kardecismo e Umbanda*, do Candido Procópio. Eu estava com aquela coisa: “Ai, meu Deus”. Quando saiu a nota, o meu trabalho foi o que ele mais elogiou, em primeiro lugar. Não me deu 10 porque disse que havia um errinho de citação. Tinha essa questão de como eu conseguia ver internamente a lógica da pesquisa, que era exatamente o que ele queria: entrar em um subtexto, quer dizer, entrar na estrutura do trabalho *Kardecismo e Umbanda*, que é uma pesquisa sobre sociologia das religiões, e como resulta esse trabalho de montagem, vamos dizer, não aquilo que aparece na superfície. Não era um resumo. Então ele fez questão de





falar disso quando reuniu toda a turma. Imagina que naquelas férias eu levitava. Mas você sabe que, quando eu estava querendo, agora no doutorado, fazer um trabalho teórico me voltando sobre os estudos de comunicação, aquela questão do estado da arte, eu queria fazer alguma coisa assim, sobre o popular, mas como o popular era pesquisado. Portanto, eu tinha que ir atrás de teses e dissertações que tinham a questão popular como objeto. Foi assim que eu lembrei que havia também essa tendência metodológica, de fazer um trabalho metodológico. Hoje a gente chamaria trabalho de epistemologia, e me propus a isso. E foi isso que eu fiz. Era muito difícil conseguir até uma dissertação de mestrado sobre cultura popular.

Muita dificuldade de consulta?

Não tinha nada. E nem biblioteca digital do próprio programa. Então eu fui fazendo, quase que fechando um estudo de caso da ECA, já mostrando essas coisas, estudos de teses e dissertações, que aqui eu podia levantar. E levantei umas duas dezenas, 20, 25, que era muito para fazer esse tipo de trabalho. Muito trabalhoso, muito trabalhoso. E, no caso, a minha orientadora, a Sarah da Viá, que também dava aula de Metodologia aqui na pós-graduação, conversando com ela, interessante isso, surgiu um problema sobre o qual a gente não tinha pensado: eu tinha feito todo o trabalho, mas como apresentar? O que você vai apresentar? Fazer um calhamaço de 800 páginas? Porque cada um desses livros ou dessas teses dá bastante. Era a maneira como apresentar, acabar com aquela ideia de cada um é um, que tinha fortalezas e tinha problemas metodológicos. Outra coisa que realmente também influenciou é que as pessoas iam saber de quem se tratava. As pessoas vão identificar: “Aquela fulana de tal que está aí”. Muitas tinham se tornado professoras. Você, então, não falava do que era, o autor não aparecia. Não, ele aparecia mesmo você não citando. Bom, o resultado é que acabei apresentando a metodologia de análise das teses interna, uma análise interna, e deixei de lado o que eu tinha conseguido encontrar nesse corpus. Ou seja, a metodologia de leitura, a metodologia de desconstrução, a metodologia que eu uso até hoje, e que saiu no livro *Pesquisa em Comunicação*.

“Foi um livro que começou a circular. E me dá muito retorno positivo. Mas porque aí eu consegui conjugar tanto preocupações teóricas, a respeito dos referenciais teóricos que se usam em comunicação, quanto a prática mesmo da pesquisa, com as questões metodológicas”

Que é de 1988, não?

Acho que está na 12ª edição. Eu nunca mexi. Era aquilo ali mesmo, porque se mexer vai ser um outro livro. Eu realmente queria fazer um segundo livro, mas nunca consegui, por uma questão de tempo. Eu, pelo menos, comecei a usar até a graduação.



Todo mundo usa esse livro.

Foi um livro que começou a circular. E me dá muito retorno positivo. Mas porque aí eu consegui conjugar tanto preocupações teóricas, a respeito dos referenciais teóricos que se usam em comunicação, quanto a prática mesmo da pesquisa, com as questões metodológicas. Isso me serve até hoje, principalmente na pós-graduação, na discussão a respeito das teses e dissertações que os alunos pegam para fazer trabalhos. Então ele está em permanente discussão.

Você diria que esse foi o seu primeiro trabalho de maior repercussão?

Sim. Eu gostei muito do trabalho “*O Rádio dos Pobres*”, até pelo objeto. Porque tinha muito mais do que isso. Ali estava Bourdieu, Althusser. Estava o Sergio Miceli, que trouxe o Bourdieu, trabalhando com a Hebe Camargo, e eu também aqui com programas populares. Gostei muito de fazer, acho que ficou bem amarradinho. Mas aí ele se esgotou, não se encontra mais, a editora não fez outra edição. Não fui também atrás. Mas, sim, eu acho que foi com esse livro *Pesquisa em Comunicação*. Aí essa questão própria de uma carreira acadêmica, de começar a escrever, começar a publicar – revistas, livros –, fazer o meu grupo de pesquisa. A coisa era principalmente de estudos de recepção. E também o meu trabalho com a Intercom, que foi o primeiro trabalho institucional grande no campo, acho importante salientar. Eu acabo de escrever um texto, até que vai sair em um livro fora, sobre a questão da história dos campos da comunicação em diversos países. Você tem autores que são aqueles que movem, escrevem, acabam sendo referência, tendências, linhas, centros... Mas a questão institucional do campo é fundamental. Aí entram as associações e o seu papel. E o primeiro papel no Brasil é da Intercom. Depois, vem a Compós. Apesar de grandes diferenças, a coexistência das duas é fundamental. E as associações têm perfis diferentes, tanto que hoje é importantíssimo ver que as pessoas estão em uma e na outra, e trabalhando de acordo com a inserção, seja nos grupos de trabalho, seja nos grupos de pesquisa. Meu trabalho na Intercom foi algo que, eu tenho que dizer, me fez crescer também intelectualmente, através da prática que se fazia. Eu sempre levei muito a sério a Diretoria Científica. Eu organizava e supervisionava os GTs.

Quando você assumiu esse cargo?

Foi em uma presidência da Margarida Kunsch. Você sabe que nós tivemos – falando hoje é muito interessante – um congresso da Intercom no Rio, e foi ali que começaram a funcionar os GTs.

Os GTs começaram a ser estruturados em 1991, durante a gestão do professor Manuel Carlos Chaparro.

Então é isso.



Você, depois, foi responsável pela instalação desses GTs.

Sim, mas antes a gente fazia reuniões, como eram as dos ciclos.

Como foram os seus primeiros contatos com a Intercom?

Através da Margarida, na presidência da Margarida. Eu comecei a trabalhar com ela. Não havia, vamos dizer assim, como hoje, divisão de trabalhos dentro da diretoria, mas eu passava, por exemplo, a questão da documentação, participei de fazer o “quem é quem”. O Adolpho Queiroz também estava nesse momento, entrou também. E, como a gente começava a fazer um trabalho que tinha que ter continuidade, a gente, mesmo trocando – diretor disso, diretor daquilo –, continuou fazendo, em termos de pessoas com quem a Margarida podia contar.

O que é o “quem é quem”?

Ah, uma coisa muito interessante. “Quem é quem” era algo que tinha que ter uma grande repercussão. O Marques tinha o projeto de fazer o estado da arte também no Brasil. Havia um financiamento internacional, e esses livros começaram a aparecer. Uma pessoa fez na Argentina, outra fez acho que no Chile, outra fez na Colômbia, o Raúl Fuentes Navarro fez no México – a ideia era fazer na Intercom alguma coisa que fosse do tipo. O Marques deve dizer isso. Havia uma entidade supranacional para fazer essa coisa na América Latina. “Quem é quem” eram verbetes. Isso hoje até que se dá em forma de dicionário ou enciclopédia. Mas era de autores, quem é quem, não de temas. E a gente começou a fazer essa coisa. Mandávamos para as pessoas para que elas escrevessem a sua trajetória. Você mandava dez, voltava um, porque era muito trabalhoso. A gente tinha que fazer entrevista para passar a publicar. Realmente a Intercom começou uma coisa nova no Brasil, as publicações para a área. Mesmo sem ainda ter GTs, havia uma área que começava a se desenvolver, que começava a se reunir com periodicidade, ou anualmente.

Você falou da participação na diretoria na época da Margarida Kunsch. A Intercom tinha um grupo que se revezava na direção, não?

Havia um professor, o J. B. Pinho, que também era dessa prata da casa, que começa a estar em todas as diretorias: o Adolpho, eu, o Pinho. Depois, também a Ada Dencker. Um grupo permanente, vamos dizer assim. Podia mudar o presidente, como no caso entrou o Chaparro e, depois, o Adolpho foi. E, depois do Adolpho, fui eu a presidente. Isso foi quando a Intercom fez 20 anos: 1995-1997. Sucedi ao Adolpho. Então, 1991 é o marco dos GTs. Porque realmente havia reuniões de pessoas, de RP, isso, aquilo, mas não com a estrutura definida, institucional de GTs. Eles começaram a funcionar, a primeira vez foi no Rio. Porque a Intercom fez um outro congresso no Rio, mas na Universidade Gama Filho. Isso daí já era alguém que foi depois de mim, o José Salvador Faro. Foi quando eu trouxe aquele grupo incrível dos estudos culturais ingleses.



O primeiro colóquio foi Brasil-Itália?

Brasil-Itália. Mas esse que eu estou falando é do Faro. Nesse que foi na Gama Filho houve o primeiro colóquio Brasil-Grã-Bretanha, quando veio John Thompson. Vieram os pesquisadores dos estudos culturais e dos estudos de economia política, todos eles. Mas ficou só nesse primeiro colóquio. Vamos voltar um pouco à questão da minha entrada na Intercom. Foi quando começaram também – através da Margarida, mas eu também participei da implantação – os seminários regionais. Chamavam-se simpósios ou colóquios regionais. Havia colóquios regionais e colóquios binacionais. Eu comecei a fazer vários – na minha gestão ou, então, a participar. Primeiro, eu acho que foi Brasil-França. Quem começou a coordenar foi a Anamaria Fadul. Foi um colóquio que teve muitas edições.

Quantos colóquios aconteceram durante a sua presidência?

Eu fiz dois. Cada presidente tinha que fazer dois colóquios binacionais, porque eram dois anos.

Em nossa pesquisa estão: 1996, Brasil-Dinamarca; 1997, Brasil-Itália.

Então é isso, é isso.

Qual a importância desses colóquios para o processo de internacionalização da Intercom?

Nesse momento, a questão era realmente de você fazer contatos. Nós, o que éramos e continuamos sendo por algum tempo? Receptores de bibliografia. Então era uma oportunidade de a gente se mostrar e fazer, era uma coisa audaciosa, uma coisa de mão dupla. Quer dizer, você começava um colóquio e os coordenadores já tinham que organizar o segundo, que ia ser no outro país. O primeiro que eu lembro que começou a dar certo era Brasil-França. Porque aí, também, na presidência da Margarida, ela também coordenava um pouco aqui e lá. Aqui, quem coordenava era sempre a Intercom. Lá, nem sempre era uma instituição. Na Itália, não existia uma instituição como a Intercom. Um professor que tinha influências realizava o colóquio no lugar onde ele trabalhava, foi o que aconteceu tanto na Dinamarca como também na Itália. Na Itália, foi a professora Milly Buonanno, que eu já conhecia. Porque não tinha instituição, vamos dizer assim, de pesquisadores italianos da comunicação.

Mesmo sem o caráter institucional, a troca de experiências era rica.

Esses colóquios tinham essa intenção de proporcionar a troca de experiências no mesmo nível. Não era apenas receber uma missão, como a gente diz hoje, ou um grupo de pesquisadores, vamos dizer assim, sei lá, da Grécia ou da Alemanha. Só que havia um problema, quando era uma instituição, era mais fácil, como no caso foi com a SFSIC, Sociedade Francesa de Ciências da Informação e da Comunicação, que fazia lá. Por isso que houve vários: francês aqui e francês lá. Agora, quando era um professor, era difícil ele conseguir. Como o professor conseguia subsídios, financiamento etc.



para organizar um colóquio internacional? Era difícil. Mas os colóquios tiveram essa ideia. E já para sair não para a América Latina, era para sair para a Europa e para os Estados Unidos, que vieram em seguida. Depois que me afastei um pouco, quer dizer, não era mais presidente. Então eu segui, eu participei de um colóquio, que foi Brasil-França, lá em Aracaju, mas enquanto diretora. Quem era o presidente acho que era o Adolpho. Mas eu também ocupei a Diretoria de Relações Internacionais. Depois, havia a ideia de fazer com a Alemanha. A gente tinha feito com a Dinamarca, tinha feito com a França, tinha feito com a Itália, queria fazer com a Espanha, que era complicada, e com a Alemanha e com os Estados Unidos. Mas eu queria falar o que aconteceu com Portugal, porque isso foi na minha presidência, na minha gestão. Em 1996, ano em que houve o Brasil e Dinamarca aqui, foi feito o primeiro colóquio Brasil-Portugal, mas acabou não sendo o primeiro colóquio, porque lá já se resolveu fundar a Lusocom (Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação), mesmo sem eles terem a Sopcom (Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação). Porque a gente chegou, era para ser uma reunião entre alguns brasileiros e alguns portugueses, a parte de lá quem ficou coordenando, eu pedi para ela, foi a professora Isabel Ferin. Mas eu lembro que ela falava que os colegas dela da Nova de Lisboa queriam que fosse um colóquio fechado, para a gente se conhecer. Mas foi na Universidade Lusófona, que é uma faculdade particular, mas grande, aberta, e apareceu gente para assistir e para fazer uma espécie de GT lá dentro, para expor. Foi um sucesso, só que eles ficaram achando que isso tinha sido uma invasão brasileira lá. Uma coisa tão interessante. Porque eles não nos conheciam, e diziam: “Como é que um país como o Brasil pode ter esse tipo de organização do campo, da área de comunicação?”. A nossa pós-graduação é dos anos 1970. E, como eu estou falei antes, eu estava lá quando o Adriano estava organizando, isso nos anos 1980. Mas eles tinham essa fama de serem Europa. A área estava lá, e eles não tinham nenhuma organização, nada que os reunisse, em termos de reunir os cursos de comunicação e os pesquisadores. Foi a partir disso que eles começaram de fato e seriamente a pensar em fundar uma associação portuguesa de pesquisadores da Comunicação, que foi a Sopcom. Mas, vamos dizer assim, foi a Intercom que chegou lá dessa maneira, com toda essa força, com todo esse vigor. Com a Espanha, foi a mesma coisa, só que eu já não estava mais nem na presidência, nem na gestão. E aí foi que começou o colóquio Brasil-Espanha. A Círcia Peruzzo fez um, que foi em Manaus, eu me lembro dos espanhóis vindo. Depois, lá, eu não lembro onde foi. Não sei se foi Málaga. Eu também participei de coisas lá. E aí veio outra vez para cá, e foi a Nélia Rodrigues Del Bianco que os recebeu na UnB. E agora não sei como é que

“Essa é uma coisa histórica que tem que ser dita – e quais foram, inclusive, esses fundadores da Compós, que logo aceitaram, se propuseram também a um diálogo, outros ainda com muita restrição. Isso faz parte. Eu sou muito Bordieu nesse sentido do campo, o campo é feito de lutas, o campo é feito de competições”



está esse colóquio com a Espanha. Mas eu sei que lá, como eles também não se entendiam, achavam que: “Não, imagina, nós nunca vamos poder ter uma associação que reúna, porque a gente não se dá”. Inclusive, na Espanha, aquilo é muito complicado em termos de regionalização, de coisas bastante fortes em termos de identidade regional, mas eles conseguiram. Mas não faz muito tempo da Asociación Española de Investigación de la Comunicación. Essa é uma história bonita também que tem a ver com a Intercom, com a ação da Intercom, inclusive fazer com que outros países se organizassem institucionalmente. Aqui, nós tivemos um tempo, há que se dizer. A Intercom é de 1977, a Compós é de 1991. A Intercom estava, portanto, havia mais de 10 anos como a única associação de pesquisadores no Brasil, a única associação do campo, vamos dizer assim. Podia ter de semióticos e coisas assim, mas não uma associação nacional. E, quando entrou a Compós, realmente foram tempos bastante tensos, até de alguns confrontos,

em termos de voltar a se reorganizar. Havia espaço para duas associações nacionais? A gente não entendia bem o que era. Depois ficou claro: eram diferentes, a coisa não era competir, quem estava em uma não estava em outra. Devíamos ter, portanto, relações um tanto quanto distantes, mas que podiam perfeitamente conviver. Mas isso foi um processo, até um presidente da Compós ser convidado para participar da Intercom e vice-versa. Essa é uma coisa histórica que tem que ser dita – e quais foram, inclusive, esses fundadores da Compós, que logo aceitaram, se propuseram também a um diálogo, e outros ainda com muita restrição. Isso faz parte. Eu sou muito Bourdieu nesse sentido do campo, o campo é feito de lutas, o campo é feito de competições.



Competições construtivas, também.

Sim. Porque você tem uma concorrência por recursos limitados, mas é uma concorrência positiva, construtiva, não é destrutiva. Porque aí não sobra nem para as associações, e muito menos para o campo, que fica esfacelado. Nós tivemos políticas de área muito boas nesse sentido da construção. Isso também coincidiu com a organização que passou a existir a partir da Capes. Isso tudo é história. Nós não tínhamos isso, quer dizer, um sistema nacional de pós-graduação, o tempo que levou para se estabelecer, para a Capes ser reconhecida, ser aceita, o sistema de avaliação, o sistema de credenciamento, o sistema de qualificação. Isso é uma coisa extremamente interessante, aí as associações se aproveitaram desse ambiente. Eu lembro perfeitamente de os representantes de área sendo convidados para participar dos congressos tanto da Compós como da Intercom. E os representantes de área no CNPq – como eu fui – fizeram um trabalho para toda a área, mais transparente. Começou a aparecer nas listas – uma coisa bem mais clara. O que era bolsa, PQ (bolsa de produtividade em pesquisa), o que eram os financiamentos em editais para os grupos de pesquisa. Claro que têm tudo a ver os GTs, os GPs com os grupos de pesquisa que depois se nuclearam nos programas de pós-graduação. Se alguém participava de um GT da Intercom de jornalismo, o que era? Era organizar também esse grupo de jornalismo na pós-graduação dele. Ainda mais que a explosão da pós-graduação em comunicação no Brasil, a explosão mesmo, a gente pode dizer que é dos anos 2000, porque, nos anos 1980, apenas um programa de pós-graduação – a década inteira – foi credenciado, que foi o Multimeios, da Unicamp. Quem era mestrado foi para doutorado. Essa coisa foi fantástica, quer dizer, uma explosão, uma explosão que a Capes está sendo feita dentro do sistema Capes. Como eu encaro? Acho que não adianta falar assim: “Não, eu vou ser crítica da Capes”. A gente é naturalmente crítico, no sentido de que quer que a coisa funcione diferente, mas eu sou das pessoas que mais reconhecem o trabalho extremamente positivo, construtivo, organizacional para a área de comunicação. E aí chamo atenção para essa cabeça ou essa visão, vamos dizer assim, seminal do professor Marques de Melo, que já dava à área uma organização. A Capes foi se organizando, e nesse mesmo sentido, de levar essa mesma política, essa mesma filosofia de organizar pela qualidade. É por isso que a pós-graduação tem esse reconhecimento.

Foi no período da sua presidência que os GTs se transformaram em GPs.

Isso mesmo. Depois vieram as DTs – isso é coisa muito mais recente –, as divisões temáticas. O que a gente tinha eram GTs.

O que isso trouxe de avanço para a pesquisa em comunicação?

É nesse sentido que eu estou falando: você reunir pela primeira vez pessoas de um país tão grande como o Brasil, reunir pessoas que trabalhavam com os mesmos objetos, com os mesmos temas, porque os GTs já nasceram como grupos de trabalho, mas temáticos. Os primeiros, eu lembro tão



bem, quando a gente reorganiza e depois cria outros, funde outros, porque era natural a expansão, a pressão para virem outros. Mas lembro que eu identificava que cada GT tinha a sua produção, a sua identidade. A gente fazia cadernos impressos. O GT de Teoria da Comunicação era o primeiro que vendia tudo, se esgotava. “Cadê o caderno do GT de Teoria?” “Já acabou tudo”. Ao mesmo tempo, era importante, isso era como vender livros hoje. O livreiro ganha, e isso era para a entidade. Eu mesma: “Precisamos fazer e precisamos vender”, porque era o que entrava para a entidade. Então, até isso. Eu me lembro das banquinhas. Isso antes, eu não sei em que presidência tiramos o papel. Acho que foi, talvez, na da Sonia Virgínia Moreira, ou um pouco antes: “Não, agora a gente tem o disquete”. Quer dizer, aquela coisa que vendia, e a gente vendia, começou a vender dentro de uma caixinha. Inacreditável. Mas isso era o quê? Onde estavam concentrados? São Paulo, Rio... Esses pesquisadores se reuniam na Intercom, e a bibliografia deles? O que era discutido, o work in progress, que a gente leva para os GTs ou para os GPs – todos queriam isso, não apenas discutir no seu GT. Depois, cadê as atas? Quer dizer, agora são os anais. A gente queria os textos, os papers inteiros dos nossos colegas, para levar. Hoje, você compra na internet, Amazon e coisa assim. Foi aí que a gente começou a ler outros brasileiros. Porque a bibliografia, até os anos 1980, era fundamentalmente estrangeira, mal e mal um autor brasileiro. Até dizer assim: “Não, quem está fazendo pesquisa de ponta é lá. Aqui não, aqui a gente é sempre caudatário”. Você veja que avanço, em termos de cultura científica, em, vamos dizer assim, dar a volta nisso. O caso é o contrário. Hoje você tem uma bibliografia referência em teses e dissertações nas obras nacionais. As citações à bibliografia nacional são maiores até que as estrangeiras. Como é que se conseguiu isso? Eu acho que sem as associações isso aí teria que ser, em termos de atividade, o quê? Interesse de um, de outro fazer isso. Enquanto a associação catalisa isso. Ela tem que organizar a área, ela tem que incentivar a área, ela tem que fazer a área avançar. E a maneira que a Intercom encontrou para isso foi através dos GTs. Sem dúvida, para mim, eu posso dizer que foi um ato revolucionário. Era experimental, não se sabia. Claro que a gente tinha ideia que as associações internacionais tinham isso. Mas quem é que participava para saber bem como é que essas associações funcionavam? Um, dois, três, quatro, cinco pessoas. Não era internacionalizado como hoje, em que a gente tem presença nas associações: IAMCR (International Association for Media and Communication Research), Ecrea (European Communication Research and Education Association), ICA (International Communication Association), essas internacionais mesmo. Então eu acho que esse é um papel que a Intercom desempenhou. E tantas outras coisas. O fato, por exemplo, de os GTs terem não só aqueles caderninhos – porque depois a gente fez uma coleção. Era “Coleção GTs”. E era exatamente para dar bibliografia, para não só fornecer, mas compartilhar uma bibliografia. Portanto, houve um papel fundamental. Tudo isso que hoje a gente vê como absolutamente normal, natural, a circulação das coisas. Mesmo em escolas as mais afastadas, tendo uma internet, você já está conectado, muita coisa você pode baixar ou pode comprar etc. Mas, nessa época, não. Mesmo no começo dos anos 2000, isso não era natural. Essa explosão toda da tecnologia, e principalmente



das redes e da internet, é de uma década, uma década e meia. Uma década de toda essa explosão.

Pensando internamente, qual a importância da Intercom para o campo da comunicação?

Os simpósios regionais, eu acho que foram a semente. E veja que isso era muito difícil em uma época em que as pessoas não podiam nem viajar, e o esforço que a Intercom tinha que fazer para isso acontecer nas diversas regiões – onde não havia pós-graduação. A gente ia para Pernambuco e não havia os programas que existem hoje. Havia essa ideia de fazer Norte, Nordeste, por regiões. E começaram a acontecer. Eu lembro bem um de Goiânia, de que eu gostei muito. E a gente começou a fazer de uma forma sistemática, mas não com a estrutura de congressos regionais, como hoje, encontros regionais, inclusive com diretores regionais. Isso daqui era a minha utopia, já na diretoria tinha que ter o cargo de diretor regional. “Não, mas como? Vai deixar de ser apenas Diretoria Executiva.” Levou tempo para pensar isso e incorporar uma diretoria mais ampla, em termos de dar voz. Mas esse diretor regional tinha que ter um escritório, tinha que ter uma sala da Intercom lá na sua unidade, para dizer “Intercom – diretor regional”. Pensar mesmo na descentralização da associação, em termos dessa capilaridade. A questão de – e aí aproveito – capilaridade foi outro avanço. Quer dizer, nós estamos falando em termos regionais, depois começou a andar, ter uma dinâmica até própria. A outra foi dos estudantes de graduação, que por muito tempo eram “o” problema dos congressos. Você não podia barrar. Porque, afinal, quem eram os pesquisadores? Como hoje, no mínimo você tem que estar na pós-graduação. Portanto, você excluía os que estavam na graduação. Mas, então, vai assistir, não pode impedir de assistir. Mas isso, em termos de afluência de gente, que não comportava, de alunos que levantavam, entravam, sentavam. Quer dizer, um barulho, um ruído que a presença deles gerava.

Até que foi criado o Intercom Júnior..

Exatamente. Mas para isso, inclusive, teve que haver toda uma sensibilidade de uma associação, que é de pesquisadores, de dizer: “Vamos pegar os pesquisadores juniores. Onde é que eles estão?”. Estão na graduação. Mas aí existe o problema da pesquisa de comunicação na graduação, que é zero ou anda mal e mal. A nossa graduação é profissionalizante. Então tinha a Expocom. Mas não era apenas a Expocom. Então nós começamos com os prêmios de iniciação científica, os melhores TCCs. Eu me lembro que isso, inclusive, foi da minha gestão. Eu e Adolpho falamos com a Vera Giangrande, no Pão de Açúcar, para ela dar dinheiro para esse prêmio, e fazer acontecer dentro desse prêmio. Porque eles eram todos apoiados financeiramente e levavam o nome e tal. Eu lembro que os melhores mestrado e doutorado, a Cicilia conseguiu dos Chocolates Garoto, lá no Espírito Santo.

Antes do prêmio Luiz Beltrão?

Antes. A gente queria fazer os prêmios, mas, nos prêmios, tem que chamar gente para avaliar, os



próprios para comparecerem, quer dizer, envolvia alguma coisa – e principalmente o prêmio. Porque depois isso acabou, acabou sendo só um certificado. Olha, isso eu estabeleci: o melhor mestrado era uma viagem dentro do país. Então tinha que ter avião e hotel. Quem é que ia pagar isso? Pão de Açúcar, Chocolates Garoto e não sei quem mais. E o doutorado? O doutorado, para o exterior. Então, vai para Paris. E mais: para o orientador também. Então precisava ter subvenção, precisava ter. Mas é muito simpático, não é? Eu lembro que encontrei com um professor no aeroporto, falei: “Escuta, o que você está fazendo aqui?”. “Estou indo lá com o prêmio da Intercom de melhor orientador, de orientador de doutorado.” As coisas depois andaram, mas era muito, muito interessante. A Veneza Mayora Ronsini foi melhor mestrado... Não deram nada nem para mim, nem para ela. Só um certificado. Disse: “Não, eu quero também esses prêmios”. A gente fala assim, mas quando você está vendo o que está sendo criado... Esse, no caso do Pão de Açúcar, para iniciação... Tanto que o prêmio se chama até hoje de Vera Giangrande – ela faleceu – e foi o marco, a semente do Intercom Júnior,

“Lá houve junto, além do ciclo, que era “Vinte Anos de Ciências da Comunicação no Brasil”, três grandes conferencistas: o professor Marques pelo Brasil, Armand Mattelart e Jesús Martín-Barbero. Estavam lá os três. E encheu”

de fazer exatamente o congresso abrigar, mas tendo uma organização deles. A mesma coisa com os simpósios. Agora tem uma sistemática, uma dinâmica dos congressos regionais, dos encontros regionais. Você vê que a área é carente disso. Há demanda, há demanda. Então precisa ter muita sensibilidade de ouvir e também organizar para atender.

Ainda em 1997, na sua presidência, houve o 20º Congresso da Intercom, em Santos, considerado por você um marco.

Sabe o Rock in Rio, eu estive lá no primeiro? Eu acho que esse, para mim, não é porque eu estava organizando, mas todos estavam lá. Foram três faculdades que nos receberam, em campi diferentes. Como é que a gente ia? Então, a questão da logística. Porque eles estavam entrando como locais, como sedes. E a coisa também da logística de que não era em uma capital. Os aviões chegavam em São Paulo e depois era preciso levar esse pessoal todo para Santos de ônibus. No caso, era responsabilidade da Intercom recebê-los. Já pensou? No aeroporto? Não era táxi. Tinha uma agência, claro. Nesse caso aí, era uma agência de que eu gostava e que trabalhou muito tempo com a Intercom. Portanto, já começava essa coisa de ser ambiciosa em termos de logística, porque era para comemorar os 20 anos – então, do bom e do melhor, você pensa em fazer um esforço. Lá houve junto, além do ciclo, que era “Vinte Anos de Ciências da Comunicação no Brasil”, três grandes conferencistas: o professor Marques pelo Brasil, Armand Mattelart e Jesús Martín-Barbero. Estavam lá os três. E encheu. Você já imaginou o que foi de gente? Mattelart foi com a mulher, que é a Michèle. E a Michèle participou de GTs. Já pensou que luxo a Michèle participar? Aquela coisa de que ela tinha participado: coisa



de recepção, de feminismo, de mulher etc. Ela estava lá, à disposição durante todo o congresso. Foi o ano em que, quando a gente estava nessa coisa, morreu a lady Di. Mas, enquanto isso, o Jesús Martín estava lá em uma televisão lá dando entrevista. Aí começou. Quer dizer, os GTs já estavam organizados. Junto, aconteceu uma Alaic, porque aí também: “Vamos fazer a Alaic juntos?”. “Vamos.” Margarida estava com a Alaic (Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação), mas a organização era da Intercom, essa organização. Vieram os latino-americanos.

No mesmo período?

No mesmo período. Estavam todos lá: o Guillermo Orozco Gómez, Jorge González... A Alaic reunindo-se lá, com todos esses que vinham. Outra: os italianos. Fiz um colóquio Brasil-Itália lá, então vieram italianos. Quer dizer, você tinha a nata dos brasileiros, com os GTs, com esses conferencistas, latino-americanos, italianos... Nem sei se havia mais europeus. Recebidos em hotéis que também era quatro estrelas ou cinco estrelas lá em Santos. Sabemos receber. E encontrando no hall do hotel: “Ah, você! Ah, você!”. Era uma surpresa atrás da outra em termos de quem estava lá presente. Por isso que eu disse: estavam todos. E ficou esse marco. O Marques também fez uma coisa que era novidade, chamou outras pessoas por causa dessa questão de ter gente para trabalhar essa temática do Mercosul. Foi um congresso muito custoso. Os estrangeiros ficaram loucos porque nós fechamos restaurante que fazia rodízio de churrasco, eles nunca tinham visto. Aquele prato, aquelas coisas, e passava, passava, passava. Eles não conheciam esse tipo de coisa, era 1997. Acho que foi dessas coisas de dizer que eles foram embora lembrando de uma instituição que fez esse tipo de coisa, permitiu o encontro. Fora as experiências. Gostei muito disso. Não interessam as diferenças, tem que reunir. Era o regional brasileiro, regional latino-americano, era o internacional, era gente das duas maiores associações nacionais. Foi enorme. Os pesquisadores, todos eles, estavam presentes, responderam muito bem ao chamado. É claro, na minha cabeça, a coisa ficou assim. Mas acho que foi um marco, até pelo fato de que morreu uma celebridade. Isso, inclusive, para a gente: o que é a comunicação de massa nessa hora, da cobertura, aquela celebridade, gente chorando... Quer dizer, era bem aquele fenômeno do evento que estava acontecendo, da mídia. Foi também muito interessante. Onde a gente estava discutindo isso? Nos bares de Santos, ao longo do litoral. Pena que não era o Rio, né? Mas as praias de Santos também são bonitas.

Mesmo depois que terminou sua presidência, você sempre manteve ligação com a Intercom, coordenado os GTs. Você faz parte hoje do Conselho Curador. Fale um pouco dessa participação.

Dos GTs, é um pouco do que a gente estava dizendo, quer dizer, começamos a organizar em termos de áreas de pesquisa, temas de pesquisa. Essas coisas vêm até hoje, porque se você tem um GT na Intercom, na Compós, você têm certos GTs que até o Marques começou a chamar de temáticos,



e seriam alguma coisa que não é bem um tema, mas sim disciplinar, como fazer um GT de teoria da comunicação, de publicidade e propaganda, de relações públicas, de cinema, rádio, televisão, que isso bate com as coisas das áreas, das subáreas dentro da comunicação. Temático é telenovela, seriado; temático é juventude, comunicação e juventude; temático é da comunicação alternativa. De manhã, eram os disciplinares; à tarde, os multidisciplinares. Porque a gente achava: “Não, nós todos somos multidisciplinares”. Mas no fundo queria se dizer isso, quer dizer, que havia GTs que eram bem estruturantes do próprio campo da comunicação, em termos de áreas, e outros eram temas. Até hoje você tem isso, eu acho que foi uma organização bem legal. Como os temáticos abrem para novos temas, para novos objetos, como a gente diz hoje. Portanto, uma coisa como cibercultura, quando é que pôde aparecer? E outras coisas do gênero, que podem ser propostas. Tinha essa coisa também de avaliar. E aí eu posso dizer de uma coisa que eu tinha realmente muito cuidado, eu achava que impulsionava certos GTs temáticos. Eu me lembro do GT de esporte, que começou muito: “Mas como esporte?”, coisa e tal. Eu consegui que o Antônio Fausto Neto fosse lá. De esporte, Antônio Fausto foi falar sobre a questão do discurso do joelho do Ronaldo: “Ah, não, vamos tirar porque reúne pouca gente”. Isso, a gente tem que tomar muito cuidado. Hoje, você vê onde está: Rio de Janeiro, com gente lá da Uerj, o Ronaldo Helal. Tem que dizer: “Olha, são específicos de alguma coisa”. “Ah, mas não”. Publicidade e propaganda precisava fazer uma reunião paralela, o segundo paralelo, o terceiro paralelo, salas paralelas, de tanta gente que saía. Parabéns, ótimo. Jornalismo era outro que nem se dizia quantas salas. Até quando a Marialva Barbosa começou a coordenar... Tem que fazer valer.

E o Conselho Curador...

Ah, sim. O Conselho Curador também é uma novidade: ter, dentro da organização, algo que se referia a uma cúpula, algo assim, dos ex-presidentes – automaticamente, você teve que ter, portanto, também um estatuto. É claro que isso aparece com a participação de todo mundo, o estatuto do Conselho Curador. Começou a funcionar, tem reuniões regulares. E com que finalidade? É um pouco assim da política da instituição, alguma coisa que tem uma razão de ser – e bem organizada, elevada. Também é muito interessante as pessoas que vão entrando, porque saem da ativa e vão para uma aposentadoria, mais ou menos assim, e carregando a sua experiência. Mas sempre tem aquela coisa de dizer assim: “Ah, então o órgão máximo deixa de ser a diretoria”. Mas, se você pensar bem, a diretoria tem que determinar, tem que dar experiências. Por quantos anos a diretoria da Intercom era só de São Paulo? Quando que isso começou a ir para outros lugares? Pelo menos para o Rio e para o Rio Grande do Sul.

A Sonia Virgínia foi a primeira, do Rio. Depois o Antonio Hohlfeldt, do Sul, e a Marialva Barbosa, agora.

Sim, mas já começa a sair. Porque essa é uma coisa que sempre – não que seja, vamos dizer assim,



polêmica – traz benefícios, e também precisa adequar. Mas isso já foi feito, quer dizer, é possível que a entidade possa ser gerida por um presidente que não está em São Paulo, onde está a sede, onde está a secretaria. Então eu acho que isso foi um ganho, essa experiência, a questão do Conselho Curador, portanto acompanhar essas mudanças e traçar políticas institucionais que valem para pensar a história, pensar a tradição, e também a renovação. Eu acho que, pensando bem, nesse sentido, o Conselho Curador é um lugar realmente onde deve haver as polêmicas, as discussões, porque é da ordem natural. Senão, você engessa, você não permite, “não, isso não é possível”. E outra coisa

“O Conselho Curador é um lugar realmente onde deve haver as polêmicas, as discussões, porque é da ordem natural”

é que anda com o tempo. Eu acho que até agora o Conselho Curador tem ido bem e eu acho que a gente tem que saber ouvir, tem que saber ir mudando. Cada um, eu acho importantíssimo, cada um dos presidentes – que são ex-presidentes – leva a sua experiência, que pode não estar sendo muito bem, vamos dizer assim, inserida ainda nesse conselho. É o novo, é alguma coisa que leva para a gente discutir.

Os mandatos dos presidentes e diretorias aumentaram, de dois para três anos. Por quê?

A gente achava o seguinte: era muito pouco tempo para você deixar alguma coisa em termos de experiência. A diretoria já ficava com aquela coisa: o congresso. E ainda bem que houve essa descentralização, acontecem os regionais etc., porque a diretoria ficava completamente envolvida com o congresso. E as outras diretorias fazendo o quê? Tudo apressado e pronto: terminou a gestão. Foi para três anos e, depois, eu acho que foi introduzida uma recondução. São experiências que eu acho que a associação deve fazer.

Immacolata, logo depois de terminar a sua presidência, em 1998, você fez sua tese de livre-docência na USP. Você retomou aí as suas questões metodológicas?

Essa livre-docência é resultado de pesquisas sistemáticas, mas mais pontuais, sobre o mercado de trabalho dos egressos dos cursos de comunicação. Hoje a gente fala muito, virou uma coisa lá que você coloca e diz que isso é “acompanhamento dos egressos”. Mas não tem a ver com isso que a gente chamava de querer entender o mercado de trabalho dos egressos dos cursos de Comunicação, da graduação, claro, que eram verdadeiros trabalhos a respeito do mercado, a respeito do curso e a respeito do indivíduo. Portanto, feitos à base de questionários e entrevistas com o formado, e ele, então, se referia ao curso, havia uma série de perguntas, e também à entrada dele no mercado de trabalho e à carreira. Isso, em termos de pensar, vamos dizer assim, estratégia metodológica, é terrível, é complexo. A gente começou exatamente aqui na ECA, fazendo com os egressos da ECA, fazendo um estudo de caso da ECA. Ele já se revelava um trabalho quantitativo, claro, mas onde você tinha também perguntas abertas, como a gente diz. Quer dizer, a questão é de você trabalhar



não com entrevistas nem com questionários fechados, mas com um formulário onde você tem coisas fechadas e coisas abertas, opinativas. Isso já introduzia uma dificuldade, uma complexidade, porque você tinha que entrar em contato com o egresso, para ele consentir participar, e você encontrar com ele, aqui ou na casa dele, onde ele quisesse. A aplicação desse formulário era uma entrevista extensa, que às vezes até precisava de uma segunda. Não dava para fazer tudo em um dia. Mas era tão apaixonante que depois a pessoa até continuava, ninguém desistia: “Ai, mas que coisa importante”. Eu não sei também o que foi deixado, não consegui acompanhar. Mas acompanhei a repercussão. Porque veja como é que foi: primeiro, foi com a ECA, com subsídios da própria ECA; depois, a gente resolveu fazer do Estado de São Paulo, pedimos apoio da Fapesp e ela deu. Depois, a gente acabou fazendo do Brasil. Aí, então, foi uma coisa extraordinária. Entrou a Felafacs (Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social) nisso, porque ela tinha muito interesse que o Brasil fizesse essa pesquisa, com esses dados, para depois eles replicarem em outros países da América Latina. A Felafacs é outra associação. Eram os tempos áureos da Felafacs. Ela recebia subsídios, aportes da Fundação Konrad Adenauer, porque trabalhava em cima de democratização dos meios. E aí entrava a Konrad Adenauer, porque a Felafacs, através do ensino, através da pesquisa etc., propiciava um avanço, via profissionais, via pesquisas, da própria democratização dos meios. É uma ideia muito bonita, e acho bom a gente ter essas utopias: que você, como jornalista, vai melhorar o jornalismo e, com isso, vai fazer com que a população se envolva nesse jornalismo e, pronto, cidadania, informação. Mas, no caso, como é que ela se tornou nacional? Aí foi realmente um trabalho homérico de entrar em contato com diretores de faculdades para participar. Claro que não foram todas.

Como funcionava? Como ocorreu na Escola de Comunicação da UFRJ, por exemplo?

O diretor tinha que permitir, e aí designar alguém que fosse responsável pela pesquisa dos egressos da ECO. E esse professor logo vai dizer assim: “Eu não consigo fazer isso sozinho, eu preciso de alguns alunos”. Portanto, precisava de bolsistas. A UFRJ é que tinha que fazer com que, na faculdade, houvesse um grupo que tocasse e fizesse com os seus egressos. Qual era o retorno? O retorno era uma metodologia comum. Voltavam dados que eram apenas da ECO, como estava o mercado de trabalho ou estavam os egressos da ECO. Mas aí a ECO podia se ver ao lado da Uerj, ao lado da Gama Filho, porque lá também estavam fazendo. Então, se você já quisesse, podia ampliar isso, falar do mercado de trabalho do Rio de Janeiro, dos egressos de comunicação do Rio de Janeiro, e depois com outros estados. Aí, então, a coisa virava nacional. Podia ser o local do próprio, quer dizer, os egressos da própria instituição, regional, no sentido de estado, e nacional, no sentido de todos os estados. Imagina que era uma complicação, porque onde a gente fazia as reuniões sobre a metodologia? Quem ia custear a viagem desses coordenadores que estavam lá, do Rio ou do Rio Grande do Sul ou da Unisinos etc. para a gente fazer uma reunião em Pernambuco para ver como é que estava indo a pesquisa? Nisso tudo não teve dinheiro que não fosse alto. Vamos dizer assim: “Ah, entrou a



Capes e deu não sei o quê”. Entrou nada, era das próprias instituições. Então, era quase que um autofinanciamento. Por exemplo, foi uma coisa fundamental eu ter conseguido na um professor de estatística. Porque a gente queria fazer com amostra representativa. É como o IBGE. Se aquela casa lá não te abre a porta, já tem uma outra que tem que entrar no lugar para você fazer. Eu tinha mais ou menos ideia dessas coisas, mas eu nunca tinha feito com esse montante de milhares de pessoas, de egressos. Isso daqui é uma outra pesquisa que todo mundo lembra, quem participou.

Então, na sua livre-docência...

Para a minha livre-docência, eu voltei àquela questão, como essa metodologia iluminava alguns dados principais sobre todas as habilitações, aí eram todas. A ECA era uma das únicas – havia outra – em que havia todas as habilitações. Na época, era jornalismo, editoração, publicidade, relações públicas, cinema era uma, rádio e TV outra... Acho que era tudo isso aí. Não entrava nem turismo e não entrava biblioteconomia porque eles têm currículos separados, só quem estava dentro do currículo de comunicação. Agora não se chamam mais habilitações, são cursos. Assim é que a gente foi na contramão da história. Isso é uma coisa interessantíssima e é uma coisa importante: você detectar e dizer “ó”, com dados. O pessoal andava: se formava em publicidade e ia trabalhar em uma editora; se formava em RP e ia trabalhar com publicidade; ou o jornalismo na publicidade. Jornalismo em RP deu todo esse problema do assessor de imprensa. O que você é: jornalista ou RP? Outra coisa interessante era o trabalho por tarefas. Sabe aquilo que a gente já tinha que colocar: “Você é empregado ou você é free-lancer?” Essa coisa do trabalho precário, essa pesquisa, que foi dos anos 1990, já identificava muito. E a pessoa não estava desempregada, você percebe? “Você está desempregado?” “No momento, eu não estou trabalhando, mas eu estou esperando que entre um projeto.” É como o pessoal de cinema, o pessoal de televisão. E você sabe que os sindicatos, e mesmo os professores, em uma atitude muito conservadora, diziam que não era assim, que a realidade não era assim. Isso foi depois do Collor, que acabou com o cinema etc. Queriam, na tese, que a pesquisa tivesse mostrado que as faculdades, que os cursos de Comunicação eram fábricas de desempregados. E não deu, porque tinha baixa taxa de desempregados. E a outra era essa questão da especificidade dos professores: “Eu estou dando disciplina que só vale para o jornalismo”. Você está entendendo? Nada melhor do que uma pesquisa assim. Até aqueles que tinham saído da área de comunicação, a gente percebeu que a formação dele estava aplicada na carreira de banco. Por quê? Porque ele não é despedido lá. Isso daí se chama desvio ocupacional, em que você transfere uma formação para outro campo, onde você não é jogado fora. Mas você tem que ter ferramentas para poder perceber isso. “Não, abandonou o campo.” Vai ver o que ele está fazendo. “Mas o curso de Comunicação foi importante para você?”. “Foi.” Ninguém disse: “Não, eu não voltaria a fazer porque não me serviu para nada”. Ou muito poucos disseram.



E a telenovela, como entrou na sua vida?

Bom, primeiro devo dizer que eu vivo dois mundos: um que hoje a gente chamaria do mundo da epistemologia; e, outro, da telenovela. Durma-se com um barulho desses. Tanto que na USP eu coordeno dois centros. Um é de estudos do campo da comunicação, que se chama Cecom. É muito mais doutorado de gente que aparece, como, por exemplo, o Tiago Quiroga. Ou, então, pós-doutorado, como a Cláudia de Moura. E a gente continua fazendo trabalhos de bibliometria, trabalhos com o Richard

“Devo dizer que eu vivo dois mundos: um que hoje a gente chamaria do mundo da epistemologia; e, outro, da telenovela. Durma-se com um barulho desses”

Romancini, que agora já é professor, com o qual eu tenho escrito. Mas é uma área que eu não largo, também porque continuo sendo professora de Metodologia na pós-graduação e também na graduação. Agora, a questão da telenovela: o outro é o Centro de Estudos de Telenovela, que não se chamava assim. Como é que eu fui parar nisso? Foi pelos estudos de recepção. Tudo tem a ver com a recepção: a minha identificação com o popular, as minhas origens populares, de ter sido imigrante, portanto me identificar com as pessoas que ouviam o rádio do Zé Bettio, do Gil Gomes, do Silvio Santos, que também eram migrantes dentro do Brasil. Essas coisas, eu realmente acho que fazem parte da

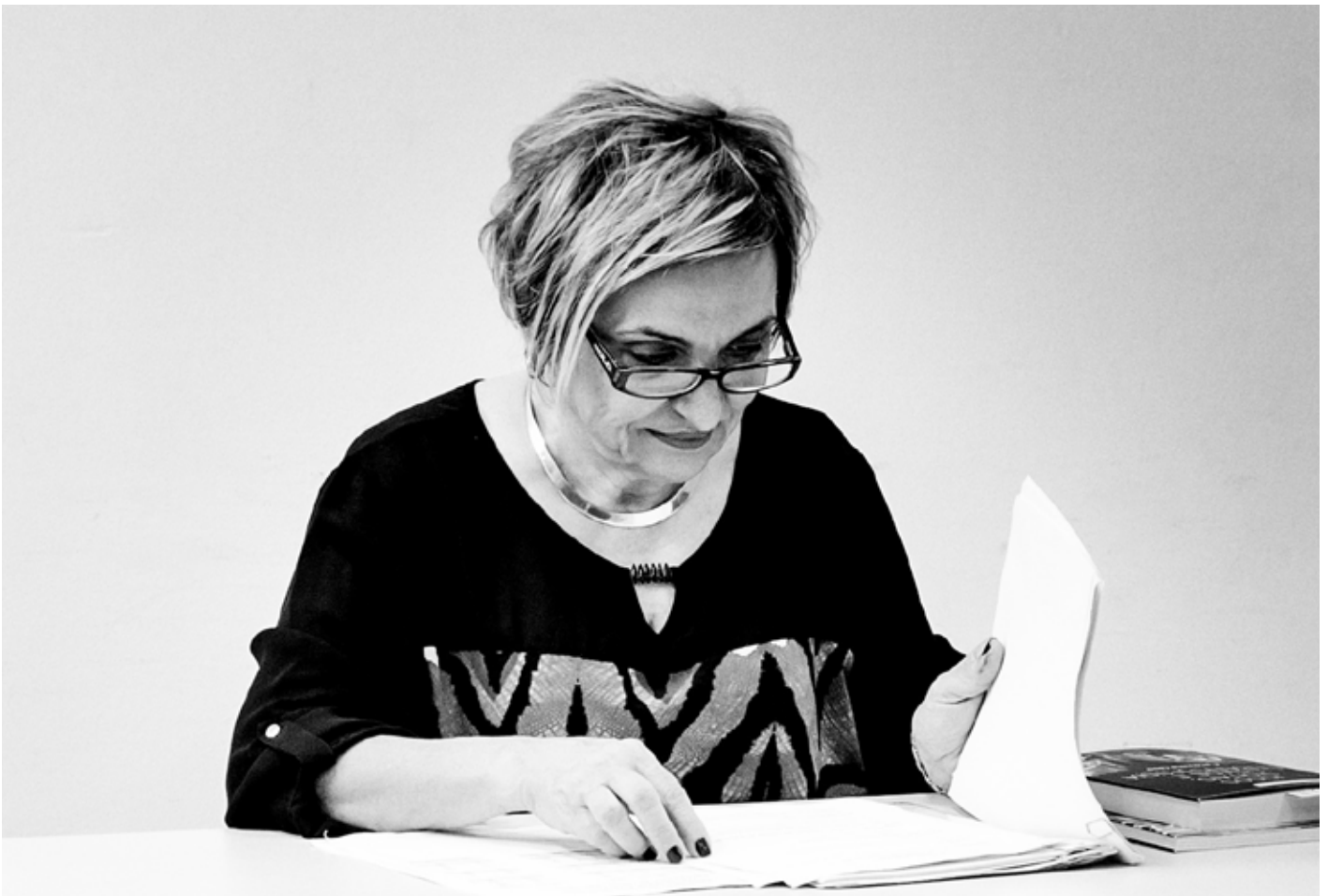
peessoa. A pessoa é isso. Então, essa afinidade, essa coisa com os estudos de recepção. E trabalhando com isso, mediações, teoria das mediações, sobre o popular. Autores de referência: Gramsci e Martín Barbero. Um trio, que também desmonta um pouco as coisas, como o Bourdieu – também a questão de toda essa outra parte, do campo, da ciência, das associações etc., eu vou muito por Bourdieu. Eu fiz um estudo de recepção, que aí já existia um núcleo, se chamava Núcleo de Pesquisa de Telenovela, NPT. Há vários professores aqui que assumiram isso. Começou com a Anamaria Fadul, depois teve a professora Maria Aparecida Baccega, a Solange Couceiro de Lima e também a saudosa Maria Lourdes Motter. Eu já estava no grupo, mas não dirigindo nem nada. Aí foi um marco, na gestão da Baccega, de fazer um projeto que era sobre a questão da ficção e realidade. Esse projeto foi fantástico, também uma dessas coisas que marcam, porque pegou quase o departamento inteiro, uma coisa com ficção e realidade. Eu entrei querendo fazer a parte da recepção. Sempre gostei de telenovela. Essa coisa de ter que ser noveleira. Hoje, realmente se fala com muita naturalidade. E, mais do que noveleira, eu me permito falar do tema do acafan, o termo “acafan”, que o Henry Jenkins popularizou, de ser um acadêmico que é um fã: ele participa das coisas como fã e, ao mesmo tempo, é um acadêmico. Mais ainda: pode até produzir. Ele, com os games etc. E aí esse trabalho é um trabalho de fã, e ao mesmo tempo ele é alguém que publica. Trabalhar com esse tema – só podia mesmo aparecer na ECA. Isso nunca apareceria em qualquer outra unidade da USP, e isso tem que ser falado claramente. Tinha que ser na ECA, porque a ECA já era vista como muito diferente: “Trabalham coisas que, imagina, não são importantes, nobres...”. Imagina trabalhar com rádio, trabalhar



com esses programas populares – popularescos. E a mesma coisa, então, com a telenovela. Aqui, de fato, já havia trabalhos sobre telenovela, recepção de telenovela ou mesmo o texto da telenovela. Mas fazer nesse centro esse núcleo que organizou esse projeto, que a gente aqui chama, entre nós, de projetão – muitas pessoas depois não ficaram no tema –, nós ficamos bem uns quatro ou cinco anos trabalhando juntos. Cada um trabalhava um aspecto, como teve do negro na telenovela, outro era da Renata Pallottini, que era a questão da teledramaturgia, da educação...

O do negro é do Joel Zito?

Ele estava no grupo, foi orientando da Solange. Porque ela sempre, quando estava na ativa e orientava, sempre os orientandos trabalhavam com temas relativos à identidade racial. E, no caso, tinha comunicação e educação, uma coisa de educação com telenovela, que foi da Baccega. E eu queria mesmo trabalhar com as mediações do Barbero e fazer um trabalho com recepção, que fosse de telenovela, para mostrar como é que as mediações funcionavam. Entrou, então, a Silvinha, Silvia Borelli, e a Vera Resende, que a gente achava que era interessante. Ela era da Unesp, acho que se aposentou. Era da área de psicologia. Porque a gente queria colocar a questão da subjetividade





nessas pessoas, e era bom ter isso. A metodologia também levou um ano, mas, nesse subgrupo, a gente desde o início tinha doutores, nós três, mas depois doutorandos, mestrados, alunos de iniciação científica – muitos – da USP, aqui da ECA, da PUC. Foi realmente um grupo muito grande. No auge, eram 15 pessoas a fazer a pesquisa. Assim começou. Um ano para montar a equipe, e nesse ano também organizar teórica e metodologicamente a pesquisa, a orientação teórica e a orientação metodológica. Depois, fomos a campo. Isso teve apoio da Fapesp e também do CNPq. Essa coisa da novela no CNPq, não sei se fui eu que introduzi, mas o CNPq está comigo até hoje. Eu estou no CNPq com esse tema até hoje. Gosto de trabalhar com o CNPq. Aí nós fomos – e essa eu acho que foi a grande novidade –, acompanhar a assistência de uma única novela por quatro famílias de classes sociais diferentes, enquanto essa novela estava no ar.

Diariamente?

Duas a três vezes por semana, e a gente ia sempre em grupo – pelo menos uma dupla. A gente fez uma espécie de um contrato verbal, dizendo: “Quando vocês quiserem parar, vocês têm toda a liberdade”. Porque eles não sabiam que a gente ia invadir e ficar tanto tempo. Nenhuma família desistiu, nem aquela de classe média alta. De fato, era entrar na família e ver mesmo, quer dizer, quem assistia, quem não assistia, e focar em quem assistia para dar o feedback das coisas que a gente queria, das informações. Se, no caso da família de classe média alta, o marido era um ausente – não que era ausente da casa –, na família de favela o marido não existia. Era diferente. Lá, ele estava, mas não tinha o hábito de assistir à novela. Foi um trabalho que deu muito prazer. As pessoas se envolveram com o tema. Saíram inúmeros mestrados e doutorados desse trabalho. Até hoje, pessoas que participaram são professores de outros programas, para onde levaram essa experiência, tanto metodológica ou mesmo como tema. Acho que realmente foi muito estimulante, prazeroso, muito produtivo. Esse foi *Vivendo com a Telenovela*, o livro que acompanhou tudo isso. O núcleo tinha um contato que ainda nem era GU, Globo Universidade. Era um departamento, era uma área que fazia essas coisas com apoio, pesquisadores, fazia coisas em termos até de algum evento. Essa foi a relação que a gente começou, e nós fomos em peso, presencialmente: “Nós somos o Núcleo de Pesquisa de Telenovela”. “Ah, muito prazer.” E acho que até a gente falou com o Roberto Irineu – ele nos recebeu –, dizendo o que a gente queria e também o que eles poderiam fazer. Mas eles também já estavam sabendo que começava a ficar claro o interesse da academia pela ficção, pelo número de mestrados e doutorados que estavam sendo feitos. Mas a gente estava lá para dizer: “Olha, somos professores. Nós estamos bancando, avaliando esses trabalhos, pelo menos na ECA, desse jeito, pela qualidade”, quando veio aquele incêndio, a gente tinha um acervo muito grande de coisas que eram originais – recebia pesquisadores, inclusive de fora, para isso. Então aí começou, vamos dizer assim, toda essa sinergia do núcleo de ter professores com os seus projetos e também com uma parceria institucional, com a Globo, a gente pode dizer isso retrospectivamente.



Qual foi o impacto que o incêndio teve na pesquisa de vocês?

A gente tinha tudo lá e, de repente, não estava mais, quer dizer, em termos de todos os bancos de dados, relatórios de pesquisa... Foi terrível, realmente. Aí a gente começa a perceber uma coisa: primeiro, essa luta de, como a gente diz hoje, legitimar esse objeto, que ele é um objeto digno, um objeto importante e, para mim, objeto até estratégico de ser estudado. Isso era um dos desafios. Eu era presidente da pós-graduação. Fazendo uma reunião no conselho da USP: “Immacolata, o que você estuda?”. “Telenovela.” “Hã?” Eu estava falando isso com o diretor da física de São Carlos, diretor da medicina ou da biologia. Era algo que: “Olha, ela estuda telenovela” – como se fosse um marcião. “Mas o que vocês fazem? Mas como estudar telenovela?” Aí toca a dizer qual era a abordagem. Como um produto popular, aceito e parte da cultura do dia a dia – porque isso aí tem que chamar de cultura – podia ficar fora da universidade? Eu fui a uma semana chamada Semana da Fapesp. Era a Semana da Fapesp em Londres, Fapesp Week London. Fui lá apresentar. Enquanto outros lá estavam falando de coisas do suco da cana... Como era uma coisa que a Fapesp apoiou desde o início, a telenovela, sentiram que era importante levar para fora, nesse seminário, alguém que era desse projeto, apoiado pela Fapesp. Eu me senti honrada: “Então, vamos lá na Fapesp Week”. Aí o professor Celso Lafer, presidente da Fapesp, que estava em Londres, veio falar comigo: “Eu gostei tanto da sua exposição”. E o que ele era? Noveleiro. “Não perco um capítulo.” “Professor, um dia ainda vou entrevistá-lo.” Ele disse assim: “Pode vir, que eu adoro telenovela”. É muito daquela coisa que você não está observando, você não está vendo o que está acontecendo sob os seus olhos, no seu dia a dia. Quer dizer, nós não esmorecemos nesse incêndio, porque a reação da população foi tremenda. Apareceu uma campanha S.O.S. Telenovela, de gente que começou a mandar coisas queridas, diários e não sei o quê. A gente recebia. Recebeu de pessoas que tinham isso, tinham aquilo. “Como é que eu posso fazer?” etc. Um apoio que foi fantástico, e não deu para esmorecer de forma nenhuma. Ao mesmo tempo, a gente já estava com o GT da Intercom “Ficção Seriada”, onde diretamente o núcleo, depois o centro, toma esse GT, depois GP, para que houvesse outros encontros –daquela maneira que eu falei, de ter pessoas reunidas sobre esse tema para dialogar, para saber o que você está fazendo. E, você imagina, também na Compós. Onde é que são apresentados? Nos estudos de televisão. A gente não tem ainda estudos de telenovela lá, mas está bom de estudos de televisão. E aí, ao mesmo tempo que você institucionaliza, tem linhas de pesquisa. E, de fato, aparecer o Obitel (Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva)... Porque eu sucedi a Maria Lourdes Motter, que veio depois a falecer, e sentia falta de um projeto igual àquele projetão. “Não, precisamos ter um projeto que reúna outra vez, que dê vida” etc. Aí eu tive essa ideia do observatório. Mas a gente tem que recuar à minha amizade com a Milly Buonanno, eu ter feito o pós-doc lá em Firenze, com bolsa da Fapesp, e que o título é “Construir um Observatório da Telenovela”, vamos chamar de “Um Observatório da Ficção no Brasil”, com base em metodologias de observatórios internacionais. E ela tinha não só um observató-



rio da Itália, mas ela coordenava um observatório europeu, que se chamava Eurofiction. Então fui lá, fiz isso e achei muito interessante. Quer dizer, essa coisa da metodologia não é apenas como é feito, mas toda a logística – por exemplo, a relação dela e desse trabalho de observatório tanto com a RAI, que é uma emissora pública, como com a Mediaset, que é particular, do Silvio Berlusconi. Depois, o Berlusconi veio a ser primeiro-ministro da Itália. Quer dizer, tanto de um canal público, em primeiro lugar, avaliar esse trabalho, como o Mediaset, e fazer com que disso daí surgissem publicações, seminários, relatórios para quem quisesse, para um, para outro. Eu achei aquilo fantástico. Ela acha que tem pouco peso, porque eles não têm telenovela, mas isso é coisa da Milly: “Precisamos ter telenovela para ter um peso assim como vocês têm”. Foi então que eu voltei. Mas uma coisa interessante que aconteceu com esse projeto é que ele estava sendo pensado primeiro para conseguir fazer um observatório brasileiro e, depois, um observatório latino-americano. A ideia era latino-americano porque a telenovela é da América Latina. Aliás, só um parêntese: quando esse núcleo foi inaugurado, ele foi inaugurado com um seminário ao qual vieram cubanos. Uma coisa bem para dizer: “Olha, nós estamos aqui com um produto, e a gente quer reconhecer que cubanos...” etc. etc. Mas, veja, por injunções, acabou primeiro acontecendo o observatório ibero-americano e, depois, o observatório no Brasil. É como lá na Europa: tinha o Eurofiction, com cinco países. A Milly tinha feito primeiro com o observatório italiano, mas eram duas coisas que ela levava. E aqui, que eu queria começar também com o brasileiro, aconteceu primeiro o interesse de latino-americanos e, por causa de Portugal e Espanha, nasceu ibero-americano. Mas com a mesma logística: cada país tem o seu grupo, tem o coordenador nacional. No caso do Obitel, atualmente, somos eu e o Guillermo Orozco. Mas em cada país nós temos coordenadores nacionais que, quando a gente faz o lançamento – fazemos como resultado desse observatório, que nada mais é que um monitoramento de tudo que é ficção, de todos os formatos, telenovela, minissérie, seriado etc., na televisão aberta daquele país –, a gente converge tudo em uma metodologia comum, e isso está no anuário. Para o lançamento do anuário, fazemos um seminário onde todos os países, todos os coordenadores são reunidos. Quem é que suporta isso, os gastos, financiamento? Aí é realmente o jeitinho que a gente dá. Isso é muito diferente em cada um desses países. Antes até da Globo, quando a gente fazia esses pequenos trabalhos, do projetão, apareceu o Ibope. O Ibope entendeu, o Ibope fez uma parceria que eu renovo todo ano, com os dados que eles dão, por quê? O Ibope está em todos os países da América Latina. Mas esse Ibope que está na América Latina teve que falar para todas as suas filiais:

É uma coisa de que realmente eu tenho muito orgulho, porque mostra que é possível fazer um trabalho de pesquisa – alguma coisa que tenha resultados, que tenha ressonância – da academia com o setor produtivo, da academia com a mídia, com o setor de mídia. Dez anos da Obitel



“Vai aí fulano de tal, e eu posso avalizar o trabalho dele, é sério. Forneçam os dados” – que são os dados de um ano para o outro. Se não tivesse feito isso, os nossos queridos amigos da Argentina, do Chile, da Colômbia, como pagar esses dados como um cliente que paga? Agora, a parceria com a Globo, hoje em dia, vendo com os olhos de hoje, eu vejo que isso está sendo feito pouco no Brasil e mais lá fora. Por exemplo, alguém como a Janet Murray. Ela faz projetos de pesquisa associada à Microsoft. Ela vai na Microsoft, o projeto é da Microsoft. Também na Inglaterra, porque lá eles têm uma tradição de estudos de televisão, então eles vão nas produtoras e fazem o trabalho nas produtoras. Isso que hoje se chama “production studies”. Não é falar de fora. Não, você tem lá a presença, você tem a coisa, e eu acho isso daí extraordinário – foi o que a Globo propiciou. Primeiro, através apenas de seminários, que a gente ainda tem, sobre “A Casa das Sete Mulheres”. Aí vem a autora – a gente monta sempre com um profissional –, a Maria Adelaide Amaral, com professores, USP etc. Fazemos um seminário, vem gente, aplaude, muito bom etc. Autores, atores... Aqui, a escola parou no dia em que veio o José Wilker. Nossa, parou. Junto veio também o Lima Duarte. Deu certo, está dando certo, porque eu acho que aí há uma convergência de interesses, respeito, admiração. Tem a questão, vamos dizer assim, da confiabilidade dos dados, porque tem que ver isso a partir de uma metodologia. Porque são acadêmicos. De alguma maneira, eles estão também institucionalizando, isso me dá muito prazer. Agora estivemos no Chile, onde foi lançado o anuário 2015, com dados de 2014. É importantíssimo ver. Inclusive, nessa reunião que foi no Chile, existem alunos de graduação – becarios, como eles chamam – do Peru lá, participando. Os grupos nacionais estão aumentando, e eles estão se inserindo dentro do país. No Brasil, a gente faz o lançamento quando faz o seminário – era no Rio, agora é em São Paulo, mas também na Intercom, porque os livros são distribuídos. Realmente é uma parceria, e você pode ver isso através da própria capa, que tem desde ECA-USP, passa para CNPq e vai Globo. Acho que essa é uma coisa de que realmente eu tenho muito orgulho, porque mostra que é possível fazer um trabalho de pesquisa – alguma coisa que tenha resultados, que tenha ressonância – da academia com o setor produtivo, da academia com a mídia, com o setor de mídia. Dez anos da Obitel. Foi o nono anuário, porque demorou um ano para organizar, e fazendo esse observatório de janeiro a dezembro, envolvendo CNPq, envolvendo bolsistas, orientandos. Aqui, a organização é essa. Então, chamar a Ana Paula, da UFRJ, junto com o Igor Sacramento, a Nilda Jacks lá no Sul, a Maria Carmem e tantas outras... Vamos fazer isso no Brasil, mas não em termos de observatório, porque a gente já faz no Brasil. Cada grupo de pesquisa vai fazer uma pesquisa por dois anos sobre aquele tema, que pode ser sobre as empregadas, “Cheias de Charme”, uma outra coisa, os jovens lá como assistem a não sei o quê, a novela que esteve aí durante esses dois anos. Tem sempre que ser alguma coisa relativa a dois anos, e vai. E assim entrou também São Carlos, entraram públicas e privadas, ótimos pesquisadores do tema. Inauguramos a coleção *Teledramaturgia*, ainda quando a Sílvia Fiuza bancou isso através do GU. Sou apaixonada não só pela telenovela, mesmo aquelas que não vão bem, que a gente segue por obrigação. E essa coisa da internacionalização, que eu acho muito



interessante, trazer o que está acontecendo com a ficção de outros países, onde o Brasil tem essa predominância, porque exporta para lá. Por exemplo, tem uma dissertação que foi a audiência das telenovelas brasileiras no Equador – até isso, quer dizer, chega a essa especificidade. Portugal nem se conta, porque lá eles têm uma coisa muito particular a respeito da influência, do know-how, do modo de fazer telenovela no Brasil. Então, se renovam, como vai se renovar a telenovela, apesar de estarem dizendo que está esgotada, morte anunciada. Acho que não. É como dizer que Hollywood está morta. Não, ela se renova. E a televisão, hoje em dia, é esse complexo, essa coisa fantástica que você não sabe para onde vai – isso, sim –, que tanto te desafia. O que é? O que é a televisão hoje? Para onde ela vai? Para onde a ficção vai? Teve o encontro do Emmy lá no Rio, lá no Projac. Estiveram aí produtores de todo o mundo falando para onde vai o drama – que eles chamam de drama. Isso foi uma coisa fantástica, de que a gente só vai poder falar o ano que vem, que começou a acontecer no Brasil. Mas, no Chile, já houve a invasão turca da tela, as telenovelas turcas, que são um fenômeno internacional. E a Band começou.

Aquela sobre a Sherazade?

“Mil e Uma Noites”. Não é “Sherazade”, é “Mil e Uma Noites”. Mas não ficou nela, compraram todas as que vêm depois. Pode não pegar no Brasil, mas no Chile foi muito falado, porque quem comprou não foi uma televisão pequena que não tem tradição na área de novela. Não. E, olha, eles estão com uma audiência incrível, e comprando tudo dos turcos. É um fenômeno fantástico. A gente achava que pudessem ser talvez os indianos, por causa de Bollywood. O que é isso? Como é que eles contam histórias? Por que essas histórias, sendo da Turquia? Bom, a gente sabe um pouco por quê. É dessa coisa assim bem chorosa. Mas muito bem-feita. E as nossas séries brasileiras, que também estão aí. Portanto, estamos muito contentes com essa parceria com o Globo Universidade e fazendo um trabalho acho que sério e de ressonância.

Quando você foi representante de área no CNPq?

Entre 2004 e 2007, por aí. Gostei dessa experiência. Eu acho que também ela teve um marco. Hoje nós temos quatro cadeiras, quatro representantes da área de comunicação. Éramos dois. E lá eu vou dizer que pela primeira vez trabalhei com o professor José Luiz Braga, a gente se deu maravilhosamente bem, como dizer: “Você está pensando isso?”. “Eu penso assim.” E aí a gente começou uma coisa de dar respostas, explicar como é que era. Eu andava muito, até exigia da Intercom: “Quero ser convidada daquela mesa, porque eu quero falar do CNPq”. Onde a gente podia, falava. Falava em reuniões ou em seminários, dentro das faculdades, dentro dos programas. Ia lá para explicar: “Não deixem de submeter”. “Não deixe de pedir, porque quanto mais houver procura, demanda, na hora de aplicar verba para novas bolsas, eles vão olhar isso.” Claro que nós somos uma área nova dentro daquelas que são supertradicionais, não só das áreas duras, mas mesmo entre as humanidades.



Pegar uma coisa como educação lá, pegar alguma coisa como letras, linguística, ciências sociais... Mas tudo isso é alguma coisa que a área tem que ir conquistando. E, você vê, ter agora uma área de ciências humanas e sociais, melhor, uma diretoria. Você sabe, nesse nível já era tudo dominado por matemáticos, isso, aquilo. Agora vai ter uma exclusiva para dar atenção para a área de humanas. Então, vamos nos pegar aqui dentro, entre nós, e não lá com os físicos, químicos etc. Está na hora. Quer dizer, ainda nem foi bem implantada, mas no caso do CNPq, achei ótimo. E depois, quer dizer, aí apareceu realmente que essa representação de área tem ser de área mesmo. Essa foi um pouco a minha participação no CNPq.

Como você vê o campo da pesquisa em comunicação hoje em termos mais gerais?

Há muitos fatores, muitos aspectos. Eu não sei em que aspecto a gente vai dizer. Por exemplo, esse das associações e da organização, isso foi um padrão estabelecido desde o início, e foi o Marques de Melo que implantou. Eu chegava a falar assim: “Olha, a gente tem uma associação nacional de pesquisadores que faz congresso todos os anos”. Tem áreas aí em que, de pesquisadores, primeiro não existia, depois de dois em dois anos, porque não conseguem fazer todo ano – e áreas tradicionais. O que dizer de uma associação que é da pós-graduação? Nós temos um representante de área lá que fala com os programas. Você passa a ter de alguma maneira – pelo menos estou falando da pós-graduação, da pesquisa – o avanço na qualificação – a qualificação do pesquisador e do seu produto, que é a pesquisa. Mas eu acho que existe uma ideia errada de pesquisa. Que é a pesquisa na graduação. Eu acho que a gente não resolveu isso, por causa do atravessamento das questões da profissão. Eu, acompanhando, já me envolvi bastante nisso, mas eu acho que muita coisa está sendo colocada hoje de maneira que não seria como eu acho que deveriam ser colocadas.

Você acha que a iniciação científica...

A iniciação científica andou muito. Sim, tem um grande papel. Porque eu penso a questão da pesquisa como fazendo cabeça, sabendo raciocinar de outra maneira, e não necessariamente aquele que vai ser pesquisador profissional, um acadêmico. Isso, eu vejo que a pesquisa podia fazer na graduação. Ela não tem espaço. Não sei como é que veem isso. Agora, vamos pensar a pesquisa mesmo. É aquela questão que eu acho que também a gente vai determinando o que é pesquisa de comunicação – não da maneira que alguns, não faz muito tempo, riam disso, como dizendo assim: “O que é comunicação?”, como dizendo assim: “Você está trabalhando o sexo dos anjos e é comunicação”. Eu sou um pouco “devagar com o andar”, porque eu acho que a gente tem que se espelhar na história das outras ciências, como é que conseguiram avançar para alguma coisa que também eu acho que é da nossa natureza, como a tal da organização, que é uma visão que ela é interdisciplinar. Isso já é um risco e um problema de partida, porque a gente pode simplesmente falar: “Sim, somos interdisciplinares”, e a pesquisa não ser interdisciplinar. Nisso também acho que a gente deve avançar, mas



pelo menos já colocar essa questão de que a gente tem que se debruçar a partir de uma perspectiva interdisciplinar, ou, mais ainda, transdisciplinar, ou, mais ainda, pós-disciplinar. Aí vem a polêmica, que eu acho que é muito interessante: para onde vai? Então, esses termos como “fragmentação” e “dispersão”. A questão é como a novela. O que você está cobrando da novela? Que acabe com o racismo? Que todos os hospitais tenham não sei o quê? Que faça resolver os problemas? Isso que a gente fala, tem esse nome, merchandising social... Mas as temáticas sociais que fazem a característica da telenovela brasileira são o quê? Simplesmente temos autores que colocam essa questão lá. Deixam que ela pegue, ou não pegue, mas está lá. Não é para resolver, é para problematizar. Algumas pegam lindamente. Movimento contra as armas, isso é fundamental, a questão da mulher, quer dizer, as tantas mulheres que: “Vou te processar, tem a lei Maria da Penha” – isso dentro de uma telenovela. Então eu acho que o recado é esse. Eu vejo com muito bons olhos, porque o campo tem muito a crescer, tem muito a resolver, mas tendo esses sinais, que para mim são da interdisciplinaridade e aquilo que agora a gente aprende a falar, que é um ponto de vista comunicacional.

Como você avalia esse trabalho de recuperação da memória dos profissionais que estão envolvidos na Intercom, das suas trajetórias, e da própria memória da instituição?

Eu acho que, em termos da instituição, ou que eu conheça assim até de associações internacionais, que se lembram dos vice-presidentes, dos presidentes quando eles morrem, eles fazem todo um obituário: “Ele era assim, assim, assim. Vamos sentir falta dele”. Todo dia aparecem coisas assim. Quando você fala de memória institucional, é uma responsabilidade. O objetivo é muito maior, e eu fico muito contente que isso se dê na Intercom. Só podia vir de uma historiadora como presidente, e trazer historiadores da comunicação para fazer isso. Eu fico muito contente, porque, olha, eu nunca falei assim. Comecei falando como eu nasci, só faltou dizer quando eu tive caxumba. Foi a primeira vez em que eu realmente fui entrevistada dessa maneira, com tanto tempo. E o trabalho de vocês: tem que ter muita energia, muita paciência, muita garra, vontade. Parabéns.

